

PARÁ Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARÁ (FIEPA) • ANO 3 • Nº 13 • SETEMBRO / OUTUBRO DE 2010

O açaí que gera negócios

O paraense já sabe o quanto o açaí é saboroso e agora os empresários locais descobrem o potencial de negócios do fruto

FIEPA
SESI
SENAI
IEL

FIEPA SESI SENAI IEL

www.fiepa.org.br

JOGOS REGIONAIS DO SESI

12 A 16 DE NOVEMBRO DE 2010 | BELÉM-PARÁ

O SESI investe no esporte e acredita que esta prática tem um papel transformador na vida das pessoas, além de possibilitar um estilo de vida mais saudável. Todos os anos, cerca de 15 mil trabalhadores participam dos Jogos do SESI em toda a Região Norte, tornando-o o maior evento esportivo classista do Norte do Brasil.

Em novembro, a capital do Pará será sede dos Jogos Regionais do SESI - Comitê Norte.

Mais de mil trabalhadores-atletas competirão em 10 modalidades.

É A INDÚSTRIA TRANSFORMANDO ATLETAS PARA A VIDA.

Acompanhe os Jogos Regionais do SESI em tempo real através do hotsite da competição no link: www.jogosdosesisesipa.org.br e no twitter: @sistemafiepa



Qualidade de Vida e
Responsabilidade Social



PLANO SAFRA PROTEGERÁ RIQUEZAS NATURAIS

O Pará dá exemplo de sustentabilidade e responsabilidade para a gestão do setor florestal. Somos o primeiro estado brasileiro que instituiu o Plano Safra Florestal que, além de fortalecer a atividade madeireira, tem por missão identificar os gargalos e potencialidades do setor, assim como contribuir para a operacionalização das políticas públicas de desenvolvimento.

Dados da Associação das Indústrias Exportadoras de Madeiras do Estado do Pará (Aimex) mostram que, em 2004, foram consumidos 11 milhões de metros cúbicos de madeira, porém, apenas 5,7 milhões foram licenciados. Estes números indicam os problemas que vão desde a falta de fiscalização no território paraense até a morosidade dos órgãos públicos.

Com este novo instrumento para o auxílio na gestão florestal, será possível vincular a liberação dos projetos florestais com o calendário da safra. Esta medida visa dar maior previsibilidade de planejamento aos analistas ambientais dos órgãos responsáveis pela licença, interferindo positivamente para a celeridade burocrática e evitando os acúmulos de processos, além de acabar com a ilegalidade e proteger nossas riquezas naturais.

É importante ressaltar e reconhecer que a iniciativa do Plano Safra partiu do Governo do Estado que, por meio do Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará (Ideflor), coordenou grupo de atores intervenientes no processo, entre os quais a FIEPA e a Federação da Agricultura e Pecuária (Faepa), entidades representantes do setor produtivo que entendem a atividade florestal como imprescindível para o desenvolvimento do Estado.

Antes da expectativa do Plano Safra, os produtores florestais estavam padecendo com uma forte crise. De 1998 a 2004, quando a atividade florestal estava aquecida, a receita bruta do setor na Amazônia Legal apresentou um crescimento fenomenal que pulou de R\$ 2,9 bilhões para R\$ 6,7 bilhões. Em 2009, dado o acúmulo de crises locais somado aos efeitos do colapso financeiro que estourou no final de 2008, a receita do setor caiu para R\$ 4,9 bilhões. Muitas empresas florestais fecharam as portas, levando uma massa de desempregados às ruas.

Nos polos madeireiros, como Tailândia, se estabeleceu um alto índice de criminalidade, levando o município para o terceiro no *ranking* dos mais violentos do Brasil. De acordo com o Mapa da Violência 2010, do Instituto Sangari, no período de cinco anos, os números de homicídio quase duplicaram, saindo de 40 para 72 mortes por ano. É preciso que nossas autoridades entendam que somente com a criação de um ambiente favorável aos negócios (dando aos cidadãos a oportunidade de entrarem no mercado de trabalho) afastaremos estes riscos iminentes.

A descentralização de determinadas competências para os municípios é um exemplo da implementação deste novo ambiente de negócios proposto pelo Plano

Com maior planejamento da atividade florestal, os investidores do setor poderão introduzir novas tecnologias para o aperfeiçoamento das práticas florestais.

Safra. Através de discussões promovidas pelo Fórum de Competitividade, tanto os produtores quanto as autoridades governamentais estadual e municipal estão conseguindo aliviar os gargalos do setor.

O plano também prevê, no âmbito da Política Florestal de Desenvolvimento, a elaboração do Manual de Procedimentos de Fiscalização da Atividade Madeireira. Esta ação implicará uma padronização dos procedimentos de fiscalização, proibindo de forma mais eficaz que madeiras não licenciadas sejam retiradas do bioma amazônico.

Com maior planejamento da atividade florestal, os investidores do setor poderão introduzir novas tecnologias para o aperfeiçoamento das práticas florestais, objetivando o melhor aproveitamento dos recursos da nossa Amazônia e retirando o Pará do primeiro e vergonhoso lugar entre aqueles que mais contribuem para o desmatamento da área de floresta. Dando eficiência ao processo de licenciamento e fiscalização, os produtores terão maior quantidade de matéria-prima, estimulando a indústria florestal, tão importante à economia paraense e ao desenvolvimento do Pará. ■



Diretoria da Federação das Indústrias do Pará / FIEPA
Quadrênio 2006/2010

PRESIDENTE: José Conrado Azevedo Santos

VICE-PRESIDENTES

Sidney Rosa - 1º VICE-PRESIDENTE

Gualter Parente Leitão - 2º VICE-PRESIDENTE

Manoel Pereira dos Santos Jr.

Luiz Carlos da Costa Monteiro

Antônio Georges Farah

Ronaldo Maiorana

Roberto Kataoka Oyama

Juarez de Paula Símões

Fernando Antônio Ferreira

Nilson Monteiro de Azevedo

Luiz Otávio Rei Monteiro

DIRETORES

José Duarte de Almeida Santos - DIRETOR SECRETÁRIO DA FIEPA

Antônio Djalma Vasconcelos - 2º DIRETOR SECRETÁRIO

Ivanildo Pereira de Pontes - 1º DIRETOR TESOUREIRO

Roberto Rodrigues Lima - 2º DIRETOR TESOUREIRO

Carlos Jorge da Silva Lima

José Maria da Costa Mendonça

Marcos Marcelino de Oliveira

Fábio Ribeiro Vasconcelos

Jefferson Rodrigues Brasil

Antônio Pereira da Silva

Pedro Flávio Costa Azevedo

Paulo Afonso Costa

Jadir Seramucin

Antônio Emil Macedo

Eugênio Carlos Lopes Victorasso

Hélio de Moura Melo Filho

Ana Clara Rodrigues Boralli

Sonia Kerber

CONSELHO FISCAL

Efetivos:

Fernando de Souza Flexa Ribeiro

Luizinho Bartolomeu de Macedo

Lísio dos Santos Capela

Suplentes:

José Roberval Souza

João Batista Corrêa Filho

CHEFIA DE GABINETE

Fabio Contente

PARÁ Industrial

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA / SESI / SENAI / IEL)

PRODUÇÃO

temple
COMUNICAÇÃO

Av. Conselheiro Furtado, nº 2865

Edifício Síntese 21 - 12º andar

Bairro São Brás | Cep: 66040-100

www.temple.com.br | temple@temple.com.br

REDAÇÃO

Coordenação: Cleide Pinheiro

Edição: Rosana Maciel

Projeto gráfico: Calazans Souza

Tratamento de imagem e diagramação: Antônio Machado e Calazans Souza

Reportagens: Alessandra Barreto, Bosco Galvão, Fabrício Gesta, Jones Santos, Lorena Nobre, Nathalia Petta, Roberta Paraense e Yuri Age

Foto da capa: Tarso Sarraf

Revisão: Ivanildo Pontes

PUBLICIDADE

Temple Comunicação

Walkiria Medeiros – walkiria@temple.com.br

(91) 3205-6526 / 3205-6500

Impressão: Marques Editora

Tiragem: 15.000 exemplares

FIEPA: Travessa Quintino Bocaiúva, nº 1588. Cep: 66035-190.

(91) 4009-4900 / (91) 3224-1995

ascom@fiepa.org.br

* As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento da FIEPA.

TIAGO CHAVES



BONECOS À SOLTA

Depois de três anos, o Festival Sesi Bonecos voltou a Belém para mostrar o talento e o encanto da arte bonequeira.

Pág. 38

TARSO SARRAF



MODERNIZAÇÃO

A produção gráfica paraense incorporou novas tecnologias. O resultado é mais qualidade e muitos benefícios para o meio ambiente.

Pág. 24

3 • EDITORIAL

José Conrado: o Plano Safra e o fortalecimento da atividade madeireira

12 • LÍDERES EM ALTA

Empresas descobrem o poder das lideranças para aumentar a produtividade

16 • QUALIFICAÇÃO

Convênio entre FIEPA, PDF e Seter vai abrir oportunidades de capacitação profissional

18 • FINANCIAMENTO

Banco do Brasil oferece crédito que permitirá a modernização dos parques industriais

20 • FEIRA DA INDÚSTRIA

Lançamento antecipado da X FIPA garante maior oportunidade de participação

34 • CIDADANIA

Em ano de eleição, Federação lança o Projeto Voto Cidadão para orientar trabalhadores

40 • PROJETO SAMAÚMA

Navio-escola do Senai leva educação profissionalizante a comunidades ribeirinhas

42 • TALENTO

Empregados da indústria soltam a voz em mais uma edição do Festival Sesi Música

44 • ESTÁGIO

Gestão de estágio pela internet oferece facilidades para estudantes e empresas

DIVULGAÇÃO

TESOURO ROXO

De produto regional a item de exportação: empresários que apostaram no açaí comemoram a boa receptividade do produto no mercado externo.

Pág. 26



“Sem dúvida, a Política Nacional de Resíduos Sólidos será indutora de uma mudança de comportamento, mas muito do que ocorrerá no futuro dependerá de sua regulamentação, do planejamento e cumprimento de metas estabelecidas.”

ENTREVISTA

Grace Dalla Pria, gerente de Meio Ambiente da Confederação Nacional da Indústria. **Pág. 8**

RADAR DA INDÚSTRIA • 6

Nova diretoria da FIEPA toma posse para o período 2011-2014

VIDA CORPORATIVA • 37

Espaços de convivência melhoram ambiente de trabalho

INDÚSTRIA EM FOCO • 47

A produção de caulim paraense tem destaque na balança comercial do Brasil

COLABORAÇÃO

22 • ARMANDO BURLE | Presidente do Sindicato da Indústria de Pesca do Estado do Pará (Sindipesca)

46 • NILSON AZEVEDO | Vice-presidente da FIEPA e presidente da Comissão de Relações do Trabalho da FIEPA

FOTOS: YURI AGE



FIEPA

Nova diretoria toma posse

A nova diretoria da FIEPA, eleita para o quadriênio 2011-2014, tomou posse durante evento que reuniu os antigos e novos diretores da federação. Em seu discurso de agradecimento pela reeleição, o presidente José Conrado Santos destacou o fortalecimento da FIEPA nos últimos anos. A entidade incorporou novos sindicatos filiados e representa o estado do Pará na coordenação da Ação Pró-Amazônia, além de ter assento no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República.

O presidente Conrado também ressaltou as ações do Sistema FIEPA que, por meio do Sesi, Senai e IEL, estão levando mais qualidade de vida e qualificação profissional aos trabalhadores da indústria. "Continuaremos com as ações do Sistema, propiciando ao trabalhador da indústria e aos empresários o ambiente propício para o desenvolvimento do estado do Pará", enfatizou o presidente.



JOGOS DO SESI

Entre 4 e 7 de setembro, Belém foi a sede dos Jogos do Sesi 2010 – Etapa Estadual, evento que reuniu 230 trabalhadores-atletas de 22 indústrias paraenses. Foram cinco as modalidades disputadas: futebol de campo, futebol society, vôlei de areia, xadrez e tênis de mesa. Os vencedores garantiram vaga para competir nos Jogos Regionais do Sesi, que serão realizados no primeiro semestre do ano que vem, em Manaus (AM). Confira os campeões de 2010:

- **Vôlei de Areia Masculino:** 1º lugar – Alunorte (Barcarena), 2º lugar – Sococo (Ananindeua)
- **Vôlei de Areia Feminino:** 1º lugar – Celpa (Belém), 2º lugar – Sinobras (Marabá)
- **Futebol de Campo:** 1º lugar – Hiléia (Belém), 2º lugar – Belágua (Ananindeua)
- **Futebol Society:** 1º lugar – Hiléia (Belém), 2º lugar – Schincariol (Ananindeua)
- **Xadrez Pensado:** 1º lugar – Albras (Barcarena), 2º lugar – Cosanpa (Belém)
- **Xadrez Rápido:** 1º lugar – Eletro-norte (Altamira), 2º lugar – Mariza (Castanhal)
- **Tênis de Mesa Masculino:** 1º lugar – Celpa (Belém), 2º lugar – Sococo (Ananindeua)
- **Tênis de Mesa Feminino:** 1º lugar – Vale (Barcarena), 2º lugar – Correios (Marabá)





ILUSTRAÇÃO: CALAZANS SOUZA

PONTO ELETRÔNICO

O presidente em exercício da CNI, Robson Andrade, classificou como “medida de bom senso do governo” o adiamento das novas regras do ponto eletrônico para 1º de março de 2011. Andrade destacou que a decisão do governo abre espaço para o diálogo sobre o tema. Na avaliação da CNI, a troca do sistema elevaria os custos das empresas, sem trazer os resultados esperados no combate a fraudes, objetivo principal da medida. Criticado por empresários e centrais sindicais, o sistema previsto na Portaria 1510/09, que a CNI considera complexo e burocrático, foi alvo de ações judiciais em vários estados do país.

CIN VIABILIZA EXPORTAÇÃO A ISRAEL

A indústria paraense continua buscando novos parceiros comerciais para a consolidação dos produtos *made in Pará* no mercado internacional. Somos, por exemplo, o terceiro maior estado exportador para Israel. Carnes de bovinos, madeira e pimenta são os três principais produtos comercializados àquele país. Nos oito primeiros meses de 2010, se comparado a igual período do ano passado, nossas exportações tiveram crescimento de 185%. Para consolidar ainda mais o comércio com este país asiático, o Centro Internacional de Negócios (CIN-FIEPA) inaugurou o serviço de emissão do Certificado de Origem (COD), documento que passou a ser necessário desde a assinatura do acordo entre o Mercosul-Israel, em abril deste ano.

DIVULGAÇÃO



CAULIM

O Grupo Imerys consolida sua posição de liderança mundial no beneficiamento de caulim com a aquisição da Pará Pigmentos SA (PPSA). A Imerys assinou acordo com a Vale para aquisição de sua participação de 86,2% no capital da PPSA e dos direitos minerários de caulim localizados no Pará. Com a operação, o Grupo Imerys aumenta no Brasil suas reservas minerais de caulim para o mercado de papel e adquire planta de beneficiamento e infraestrutura de logística, mineroduto e terminal portuário, localizados próximos às instalações industriais da Imerys em Barcarena.



www.fiepa.org.br

Agora é lei. Depois de 21 anos em tramitação no Congresso Nacional, o Brasil aprovou sua Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). A lei de número 12.305/2010, sancionada no último dia 2 de agosto pelo presidente Lula, traz várias inovações com reflexos para o setor produtivo brasileiro. Com a regulamentação, todos os setores produtivos terão que encontrar maneiras alternativas para o aproveitamento de resíduos. Nesta entrevista, a gerente de Meio Ambiente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Grace Dalla Pria, explica como a indústria se prepara para atender às exigências da nova lei.

NOVAS REGRAS NA POLÍTICA AMBIENTAL

PARÁ INDUSTRIAL – Para a CNI, a lei é um passo importante para uma produção mais limpa e sustentável?

GRACE DALLA PRIA – Haverá impactos para a produção mais limpa e a produção sustentável. Contudo, a PNRS não tem instrumentos de estímulos efetivos para a incorporação da PmaisL (Rede Brasileira de Produção Mais Limpa) aos processos industriais ou mesmo para a produção sustentável. Apesar disso, creio que as intervenções que a lei provoca na responsabilidade pós-consumo farão com que as empresas passem a pensar mais fortemente no ecodesign, visando o reuso ou a reciclabilidade dos produtos e embalagens descartados, assim promovendo a incorporação de conceitos básicos da produção sustentável.

PARÁ INDUSTRIAL – Com a lei, os empresários terão que adotar novos procedimentos referentes à destinação e a adequação de seus resíduos gerados no seu processo produtivo?

GRACE DALLA PRIA – Não. Mas haverá necessidade de elaboração de planos de gerenciamento de resíduos mais detalhados, independentemente se as empresas são passíveis ou não de licenciamento ambiental. Nesse aspecto, poderão ser determinadas metas nacionais, estaduais e municipais que condicionem metas para a não geração, reutilização e reciclagem de resíduos, que antes não existiam.

PARÁ INDUSTRIAL – A relação de ganhos socioambientais

e custos econômicos para a implantação da lei é vantajosa para o setor produtivo?

GRACE DALLA PRIA – Infelizmente, o capítulo de incentivos econômicos foi esvaziado na Lei 12.305/2010. A não ser que haja uma regulamentação expressa no sentido de dar incentivos ao setor industrial, o que haverá de novo serão obrigações relacionadas à logística reversa e à burocracia na elaboração de planos de gerenciamento e no preenchimento de cadastros em novos sistemas de informação sobre resíduos.

PARÁ INDUSTRIAL – Considerando-se os altos custos de logísticas que temos na Região Norte do país, os desafios serão maiores. Como a indústria nortista pode enfrentar essa situação?

GRACE DALLA PRIA – Essa é uma boa pergunta. Na verdade, a Região Norte será aquela onde haverá mais dificuldade na implantação da logística reversa. Acho mesmo que ela seria inviável sem um plano estratégico de investimentos públicos para dotar os municípios de uma boa infraestrutura de coleta de lixo aliada a um forte estímulo à indústria de reciclagem local.

PARÁ INDUSTRIAL – A Política Nacional de Resíduos Sólidos destaca a responsabilidade compartilhada na gestão de resíduo. Como os empresários poderão ter certeza de que os órgãos oficiais vão fazer a sua parte para atingir o objetivo final que é reduzir o passivo ambiental?

GRACE DALLA PRIA – Nesse aspecto, o setor público tem ►



A Região Norte será aquela onde haverá mais dificuldade na implantação da logística reversa. Acho mesmo que ela seria inviável sem um plano estratégico de investimentos públicos para dotar os municípios de uma boa infraestrutura de coleta de lixo aliada a um forte estímulo à indústria de reciclagem local.”

uma desvantagem: a burocracia estatal. Veremos como se dará a regulamentação da lei e a fiscalização dos Tribunais de Contas e do Ministério Público no cumprimento da regulamentação por parte dos órgãos públicos. Sem dúvida, este será um dos maiores desafios da nova lei: o cumprimento de todas as obrigações previstas na gestão dos resíduos sólidos sob competência do poder público.

PARÁ INDUSTRIAL – Pretende-se, com a lei, ampliar o incentivo à diminuição do desperdício e contribuir com a geração de novos negócios a partir da continuidade da cadeia produtiva. Como é possível garantir esse ciclo entre os diversos segmentos produtivos?

GRACE DALLA PRIA – Será necessário que seja feita uma boa regulamentação da lei que leve em consideração as peculiaridades regionais e locais, a capacidade limitada de investimentos dos setores público e privado e a necessidade de uma campanha educativa dos consumidores. Será preciso também avaliar a criação de instrumentos econômicos e fiscais que desonerem a cadeia de reciclagem, simplifique os procedimentos e induza à participação progressiva de todos os entes da cadeia de produção e consumo de bens e serviços.

PARÁ INDUSTRIAL – No Brasil, e principalmente na Amazônia, a cultura dos 3R (reduzir, reaproveitar e reciclar) ainda é incipiente e precisa ser incluída no dia a dia das empresas. O que precisa ser feito para que isso seja uma constante nas empresas amazônicas?

GRACE DALLA PRIA – Não só na Amazônia, mas em todo o Brasil há necessidade de que as empresas invistam mais em qualidade: qualidade do produto, qualidade na produção e na não geração de resíduos (PmaisL) ou outras formas de desperdícios, qualidade no ambiente de trabalho, etc. Na verdade, falta conscientização e treinamento das empresas para que elas pensem em melhorias contínuas de processo com um viés ambiental: Quanto menor for a geração de poluição, mais eficiente e lucrativa será a empresa. É preciso uma mudança cultural do empresário: ver a questão ambiental muito mais como uma oportunidade do que como um problema.

PARÁ INDUSTRIAL – É possível fazer negócios com resíduos industriais e ter retorno econômico de fato? Há cases de sucesso? Quais?

GRACE DALLA PRIA – Claro que sim. Existem muitos casos. Eu conheço exemplos onde ácidos inorgânicos exauridos foram purificados e usados em tratamento de água. Há casos também de uso de óleos de cozinhas industriais



CARLOS RUDNEI / CNI



“Será necessário que seja feita uma boa regulamentação da lei que leve em consideração as peculiaridades regionais e locais, a capacidade limitada de investimentos dos setores público e privado e a necessidade de uma campanha educativa dos consumidores.”

usados para produção de sabões e biodiesel, uso de pós e lamas de sistemas de desempoeiramento de fornos siderúrgicos como aditivo na fabricação de cerâmicas e uso de restos de madeira para produção de briquetes com alto poder calorífico.

PARÁ INDUSTRIAL – A lei é um passo importante para dar destinação final ambientalmente adequada aos resíduos sólidos. Como garantir que essa lei seja implementada e não fique apenas no papel como tantas leis que existem no Brasil?

GRACE DALLA PRIA – Garantir que uma lei seja bem implementada significa fazer uma boa regulamentação, ouvindo os diversos setores afetados e incorporando sugestões que a tornem aplicável e efetiva.

PARÁ INDUSTRIAL – A Política Nacional de Resíduos Sólidos prevê incentivos para a indústria da reciclagem e cooperativas de catadores de material. Como é possível essa parceria, considerando a necessidade de profissionalizar essa atividade?

GRACE DALLA PRIA – A lei não prevê de forma expressa qualquer estímulo à reciclagem, apenas permite que ela seja feita algum dia. Quanto aos catadores, a lei cria vários dispositivos para sua inserção nas cadeias de re-

ciclagem. Se for feita de forma correta, sem dúvida que eles serão beneficiados. Mas a dúvida seria outra: como de fato fortalecer os catadores sem fortalecer a cadeia na qual eles se inserem? Creio que isso não seria possível sem fortalecer os recicladores e os demais agentes que compram material reciclado dos catadores ou de suas cooperativas para venda à indústria. Todo o sistema deve ser fortalecido. Com o fortalecimento da cadeia, haverá mais recursos para investimentos na qualificação de fornecedores (catadores) que se beneficiarão com a valorização da profissão e a consequente melhoria das condições de trabalho e renda.

PARÁ INDUSTRIAL – Os lixões, onde os resíduos são lançados a céu aberto, estão proibidos. Assim, todas as prefeituras deverão construir aterros sanitários ambientalmente controlados. O governo federal só repassará recursos para limpeza e manejo de resíduos para as prefeituras com um plano de gestão aprovado. Qual o horizonte para garantir esse objetivo?

GRACE DALLA PRIA – Lei alguma pode mudar a realidade do sistema sem antes propiciar que condições favoráveis sejam estabelecidas para que ocorra essa mudança. Sem dúvida, a PNRS será indutora de uma mudança de comportamento, mas muito do que ocorrerá no futuro dependerá de sua regulamentação, do planejamento e cumprimento de metas estabelecidas. Demorará um bom tempo para que lixões deixem de existir. A sociedade deverá cobrar das administrações municipais o cumprimento da lei. Agora, a tese de que aterros sanitários não permitem a reciclagem é totalmente falsa. É perfeitamente possível fazer a coleta seletiva do lixo com a consequente triagem e separação dos materiais recicláveis e o uso do aterro para aquilo que a nova lei chama de rejeitos (materiais sem condições técnicas ou econômicas para o seu reaproveitamento). Além do mais, muitos países estão desenterrando o seu lixo e reciclando todo o material encontrado em aterros sanitários. Portanto, é falso pensar que os aterros impeçam a reciclagem ou o reaproveitamento do lixo.

PARÁ INDUSTRIAL – Parte da indústria amazônica ainda possui uma vertente extrativa em seu processo. Esses segmentos produtivos terão mais dificuldades em adaptar-se à nova lei?

GRACE DALLA PRIA – Provavelmente não. A lei não muda quase nada no que se refere às responsabilidades já existentes quanto aos resíduos gerados em processos industriais. A logística reversa utilizada para resíduos pós-consumo não se aplica para os materiais da indústria



Sem dúvida, a PNRS será indutora de uma mudança de comportamento, mas muito do que ocorrerá no futuro dependerá de sua regulamentação, do planejamento e cumprimento de metas estabelecidas.”

extrativa. Poderá haver algumas implicações de logística reversa para embalagens de produtos oriundos do extrativismo comercializado.

PARÁ INDUSTRIAL – Quais os principais pontos da lei que impactam diretamente na indústria?

GRACE DALLA PRIA – A logística reversa, que estabelece procedimentos para viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento ou destinação ambientalmente adequada. Depois, podemos citar os planos de gerenciamento de resíduos, a proibição de importação de resíduos e rejeitos, a imposição de que embalagens sejam sempre recicláveis ou reaproveitáveis, a definição de gerador de resíduos perigosos e, claro, a definição de instrumentos econômicos.

PARÁ INDUSTRIAL – Que benefícios a lei trará para os diversos segmentos produtivos?

GRACE DALLA PRIA – No curto prazo, creio que nenhum, mas no médio prazo poderemos ver um novo setor de reciclagem nascendo com a obrigatoriedade da logística reversa para lâmpadas e produtos eletroeletrônicos. Se a regulamentação for bem feita, poderá haver um grande impulso para a indústria da reciclagem no Brasil, mas isso no longo prazo. ■

De olhos neles

Empresas apostam na formação de lideranças como estratégia para alcançar melhores resultados no ambiente corporativo



Empresas que buscam a excelência já descobriram que não basta investir em tecnologia e equipamentos. É preciso investir nas pessoas, motivá-las e valorizá-las. Por isso, cada vez mais empresas estão apostando no desenvolvimento das lideranças como um recurso gerencial chave para alcançar resultados melhores.

É difícil mensurar quanto uma boa liderança colabora para o sucesso de um negócio, mas a prática mostra que as empresas que apostam nessa estratégia estão ganhando vantagem.

Na Imerys RCC, empresa que beneficia cau-

lim na região de Barcarena, nordeste do Pará, o programa de desenvolvimento de lideranças existe a cerca de cinco anos. “Procuramos identificar profissionais com o perfil de liderança e temos treinamentos em que colocamos o nosso funcionário em situações que ele poderia enfrentar como gestor”, descreve Raquel Conde, Gerente de Gestão de Pessoas da Imerys RCC.

O objetivo do programa é desenvolver pessoas como Neilton Silva, de 36 anos, que se destacou pelo bom relacionamento com colegas de diferentes níveis e a postura equilibrada diante de situações de pressão. O perfil natural



“Procuramos identificar profissionais com o perfil de liderança e temos treinamentos em que colocamos o nosso funcionário em situações que ele poderia enfrentar como gestor.”

Raquel Conde, Gerente de Gestão de Pessoas da Imerys

de liderança de Neilton encontrou no programa de formação de lideranças a oportunidade de crescimento e não demorou para o operador se tornar assistente técnico especializado, coordenando uma equipe com outros profissionais.

Hoje, praticamente todos os supervisores e gerentes da empresa foram recrutados entre os próprios funcionários, mérito da Imerys e dos profissionais, que já chegam à empresa com foco no desenvolvimento da carreira. “Procuramos observar os operadores que podem se tornar supervisores, analistas e engenheiros que podem gerenciar equipes. Mesmo uma pessoa que tem

um comportamento discreto, quietinho no dia a dia, pode se revelar uma liderança forte”, detalha Raquel.

Neilton sabe o que fez diferença na sua ascensão profissional. “Ter contato com pessoas de diversas áreas e mostrar que estava sempre disponível fez com que eu tivesse novas oportunidades e conseguisse novos cargos. Quem se dispõe a aprender e passar por novos testes consegue um algo a mais”, garante.

Outro caso de sucesso aconteceu com um dos primeiros funcionários da Imerys. José Messias Oliveira, hoje gerente de Engenharia, entrou na empresa para concluir a fase de implantação e realizar o treinamento de pessoal. “De lá pra cá, já passei pela área de desenvolvimento, ISO 9000, setor de melhorias, fui da equipe que trabalhou na expansão da empresa até que cheguei à Gerência de Engenharia, cargo criado recentemente de acordo com as necessidades da empresa”, explica.

Para Messias, o fundamental para seu crescimento na empresa foi aplicar o conhecimento que tinha na área de beneficiamento de caulim e mostrar como poderia ser útil na empresa, inclusive nas relações com os demais funcionários. “Mostrei como poderia somar, acrescentar ao dia a dia de minha equipe e com os demais. Estar atento ao comportamento dos colegas e saber como ajudar contribui para termos um convívio melhor e garante melhores rendimentos no trabalho”, afirma.

Mas, do ponto de vista técnico, é importante destacar a diferença entre líder e gestor. “Nem sempre quem é bom tecnicamente, aquele que entende de números e planilhas, tem habilidades para ser um bom líder. É preciso ter um bom relacionamento interpessoal, saber lidar com estrelismos e brios, dar *feedback* aos seus parceiros. Para quem sonha com um cargo de chefia, é bom atentar que ser um líder não é só assumir um cargo, é uma conquista”, avalia Silma Ferreira, psicóloga organizacional da Ímpar Educação Profissional.

Ela ressalta que existem competências básicas que definem um líder, como a organização, o contato harmonioso entre diversos grupos, a visualização de situações futuras, trabalho em equipe, entre outros. “É importante investir em programas de formação de liderança, mesmo que você já tenha líderes nomeados, como os gerentes e diretores”, sugere a psicóloga. ▶



CRHYS PINHO

“Os líderes são os principais responsáveis pelo bom resultado. Se eles conseguem motivar, engajar e influenciar outras pessoas, consequentemente os resultados serão os melhores possíveis.”

Odenilcy Martins, gerente da Área de Recursos Humanos da Alunorte

Práticas no dia a dia

Outra empresa que aposta na formação de lideranças é a Alunorte, maior refinaria de alumina do mundo, localizada também em Barcarena. Lá, o desenvolvimento de líderes é uma das garantias para se obter os melhores resultados. “Somente com uma liderança coesa e afinada conseguimos engajar os empregados para um objetivo comum. Os líderes são os principais responsáveis pelo bom resultado. Se eles conseguem motivar, engajar e influenciar outras pessoas, consequentemente os resultados serão os melhores possíveis”, afirma Odenilcy Martins, gerente da Área de Recursos Humanos da Alunorte.

A empresa mantém o programa há vários anos, mas a partir de 2008 ele foi intensificado. Atualmente, os líderes passam por treinamentos e o rendimento é avaliado de acordo com a incorporação das práticas no dia a dia da fábrica. “A Alunorte faz avaliações periódicas dos empregados, mas é fundamental que o líder perceba o potencial de seus liderados, reconheça o seu papel no desenvolvimento deles e os incentive, fazendo do ambiente de trabalho um lugar de aprendizado e desenvolvimento contínuo”, destaca Odenilcy.

Também é mantida uma forma diferenciada de trabalhar atitudes de comando, colocando o empregado para vivenciar a situação por momentos pontuais. Para a criação de um novo projeto ou para a melhoria de um processo específico, é formada uma equipe de trabalho onde todos têm as mesmas oportunidades de desenvolver suas competências na empresa. “Temos casos de pessoas que chegaram para ocupar cargos essencialmente técnicos e aos poucos foram desafiados em estar em frente de muitos projetos importantes. Hoje, temos um corpo de líderes muito respeitado na empresa, o que serve de exemplo para muitos jovens profissionais”, diz a gerente. ■

VANTAGENS DE INVESTIR NA LIDERANÇA

Os benefícios de se apostar na formação de lideranças são muitos. O primeiro deles é financeiro: quando você busca um funcionário no mercado, vai ter que arcar com o valor dele, às vezes exceder um limite financeiro estabelecido na empresa, além de investir na adaptação da pessoa ao novo ambiente de trabalho.

“É muito mais vantajoso motivar as pessoas que já fazem parte da empresa. Elas se sentem valorizadas se sabem que podem conquistar novos cargos, além de ser uma forma de reter os talentos na empresa. Cria-se um espiral ascendente, pois quem observa que um companheiro de trabalho subiu de cargo, passa a se dedicar mais e buscar uma melhor qualificação e resultados”, justifica Raquel Conde, da Imerys RCC.

A psicóloga da Ímpar, Silma Ferreira, concorda. “Identificar, dentro do ambiente de trabalho, ‘pessoas-chave’ que conseguem agregar funcionários e opiniões, mesmo que diferentes, é impedir que, lá na frente, haja uma força contrária dentro do próprio negócio. Deixar de investir nas lideranças não é nada estratégico para quem busca resultados positivos”, salienta.

Cresce a exigência

Ao contrário do que acontecia no passado, o papel do “chefe” não é mais restrito a dar ordens e “ponto final”. Hoje, as ações da liderança vão além. O líder tornou-se um importante elo entre a empresa e as equipes, pois através dele as pessoas sabem o que se espera delas e quais os caminhos a serem trilhados para conquistar resultados. Por isso, ter apenas competências técnicas não transforma um profissional em um líder. É fundamental ter em sua bagagem competências comportamentais para aplicá-las no dia a dia da equipe. Abaixo, seguem algumas atitudes para a boa liderança:

- Ir à busca do autodesenvolvimento, sem esperar que a organização ofereça treinamentos, cursos, entre outras ferramentas. O autodesenvolvimento pode ser obtido também por meio da leitura de livros, sites e revistas especializadas.
- Não temer as inovações e os processos de mudanças que estão presentes no dia a dia de qualquer profissional.
- Ao gestor, não basta ouvir, é preciso escutar. Prestar atenção ao que as outras pessoas falam, sejam superiores imediatos ou subordinados, é uma rica oportunidade para identificar falhas e acertos na forma como exercita a liderança.
- Equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. Saber dosar os momentos de dedicação ao trabalho e de lazer, seja com a família ou os amigos, faz com que o gestor não acumule tensões e, conseqüentemente, não descarregue todo o “peso” em cima dos seus liderados.
- Há quem acredite que cabe ao gestor apenas gerir o processo de *feedback*. No entanto, a liderança também precisa ter ciência de que ter um retorno sobre sua performance é fundamental, para que identifique os pontos fortes e aqueles que necessitam ser trabalhados.
- O líder exerce o papel de dar um norte à sua equipe. Mas, ele também é humano e passível de cometer erros. Reconhecer que se equivocou diante de uma situação não enfraquece o gestor.
- Descentralizar atividades sem medo de perder espaço. Por mais que detenha conhecimentos, a liderança possui limitações e precisa delegar atividades aos demais profissionais que estão ao seu redor.
- Não se sinta em um pedestal apenas porque detém o comando de uma equipe. Seja capaz de valorizar a transparência na sua gestão através de uma comunicação ativa com os que o cercam.
- Saiba compartilhar com os subordinados os problemas como, por exemplo, a não obtenção das metas alcançadas. Quando isso ocorrer, não haja como um atirador e jogue a culpa no primeiro que aparecer. Abra espaço para o diálogo e receba sugestões, troque ideias.
- Da mesma forma que os problemas do departamento devem ser partilhados por todos, as conquistas também devem ser comemoradas coletivamente.

FONTE: WWW.RH.COM.BR - IMAGEM: SCS.HU

Tudo sobre
mineração
a um
click.



O site do Simineral acabou de entrar no ar. As principais notícias, estatísticas e um grande acervo de publicações e vídeos agora a um click. Acesse e conecte-se à indústria mineral.

www.simineral.org.br
Sindicato das Indústrias Mineradoras do Estado do Pará



Mais capacitação para mais empregos

A partir de um convênio, o Pará vai capacitar milhares de pessoas para ocupar 120 mil vagas de empregos previstas para o estado

Hoje, a competitividade do mercado de trabalho exige profissionais cada vez mais preparados. Um pedreiro, por exemplo, precisa ter, no mínimo, o ensino médio completo, pois os processos construtivos evoluíram em vários sentidos e o profissional deve acompanhar esse desenvolvimento.

Nesse cenário, uma regra vale para todas as áreas de atuação: o profissional mais bem preparado tem mais chance de conquistar sua vaga no mercado de trabalho e desenvolver sua carreira. “A cada ano de escolaridade, o profissional aumenta 10% na sua produtividade”, afirma Marcel Souza, consultor do PDF. Por isso, quem quer ganhar em competitividade precisa investir em educação e qualificação profissional.

O Pará vive um momento favorável de crescimento. O estado receberá, até 2014, mais de R\$ 100 bilhões em investimentos públicos e privados, com a expectativa de geração de 120 mil postos de trabalhos diretos. Como forma de internalizar esses investimentos, a Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA), por meio do Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF), atualizou um estudo que prevê a preparação da mão de obra local para ocupar esses postos de trabalho.

A partir de um convênio entre FIEPA, PDF e Secretaria Estadual de Emprego e Renda (Seter), cursos de capacitação profissional foram abertos para atender às pessoas que buscam um emprego. O convênio iniciou a partir de um levantamento realizado pelo PDF em 2007, que apontava os investimentos que iriam ocorrer no Pará até 2012 e com isso a geração de empregos vindos a partir da aplicação dos recursos. “Apresentamos o levantamento à FIEPA, à Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia (Seduct) e à Seter, por incentivo do representante da Vale junto ao Comitê diretivo do PDF, Ricardo Luiz. Foi então que teve início o trabalho com a formalização e assinatura de um convênio de cooperação técnica”, explica o coordenador geral do PDF, David Leal.

O Grupo de Intermediação Massiva da Mão de Obra (IMMO), nome dado a esta comissão, é formado por representantes do Governo do Estado, por meio da Seter, FIEPA, através do PDF,



- **Profissionais da indústria de base, como pedreiros, armadores e carpinteiros são público prioritário na agenda de capacitação da mão de obra para os próximos anos**

71.431
trabalhadores já foram capacitados no estado desde 2007

72.315
pessoas é a meta para capacitação até 2014 nos setores administrativo, pessoal, empresarial e de gestão

960
turmas de capacitação serão abertas por ano em cursos voltados para indústria de base e implantação de projetos (pedreiros, armadores, carpinteiros, eletricitistas, etc)

40 mil
pessoas capacitadas é a meta para Carajás, região com maior volume de investimentos

executivos e gestores de recursos humanos das empresas mantenedoras do PDF, entidades de classes e instituições de ensino parceiras. O programa cruza as demandas e necessidades das empresas com as iniciativas do Governo em relação à qualificação de mão de obra. “PDF e Seter atualizam informações e dados relativos aos investimentos previstos, ou seja, onde vão ser implantados, qual o período, e aponta a estimativa de geração de emprego. Além disso, o PDF tem a função de ser o indutor, mobilizar os parceiros envolvidos no grupo de trabalho”, explica o consultor do PDF, Marcel Souza.

O trabalho é a continuidade do convênio firmado em 2007 e já treinou 71.431 trabalhadores em todo o estado. Nessa nova fase, até 2014, serão treinados mais 72.315 pessoas para atuação nos setores administrativo, pessoal, empresarial e de gestão. O convênio atenderá as demandas dos novos investimentos em ascendência no Pará. Seguindo a metodologia desenvolvida pelo PDF, a previsão das demandas de treinamento será de acordo com os períodos de implantação dos projetos e das empresas que já estão no estado.

Serão abertas 960 turmas por ano, de curso com carga horária de 200 horas, voltados para indústria de base e implantação de projetos, como: pedreiros, armadores, carpinteiros, eletricitistas, pintor industrial e soldador. O treinamento para pessoal administrativo prevê cursos de atendimento ao público, técnicas de venda e secretariado. O apoio é formado por cursos de almoxarife, motorista e operadores de máquinas. Para os gestores, são ofertados cursos de gestão empresarial e gerenciamento de projetos.

A região de Carajás, sul do estado, responsável por receber mais de 40% dos investimentos, será a região com maior volume de treinamentos, com a previsão de treinar 40 mil pessoas. “A proposta dessa política é a de regionalização do Pará, em 12 regiões de integração, saindo da forma de gestão que abrange só o atendimento metropolitano, evitando assim o êxodo rural e o conseqüente inchaço populacional dos centros urbanos”, afirma a secretária de estado da Seter, Ivanise Gasparim. A Secretaria conta com uma equipe técnica para a gestão do Plano Estadual de Qualificação Profissional para a execução das ações e dos cursos aplicados.

O diferencial do projeto está na integração entre empresas, entidades e governo, pois a partir das demandas de trabalhos nas empresas que investem no Pará, gera quadros de treinamento, cronogramas e distribuição de capacitação por cidades ou região. Para isso, o convênio possui uma comissão de acompanhamento que verifica o andamento dos treinamentos realizados e avalia seus resultados, além de estabelecer diretrizes para as ações estratégicas adotadas. ■

Mais crédito para o empresário

Convênio da FIEPA com o Banco do Brasil permitirá aos industriais paraenses maior facilidade de acesso a financiamentos

YURI AGE



A modernização dos parques industriais se estabelece, na atualidade, como algo imprescindível para dar mais competitividade ao setor produtivo. No sentido de estimular o processo de inovação nas indústrias tradicionais instaladas no Pará, filiadas aos 40 sindicatos associados à Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA), o Banco do Brasil assinou convênio com a entidade de classe, que garante crédito de R\$ 100 milhões para financiar equipamentos, insumos e serviços a serem utilizados como instrumento de trabalho pelas indústrias beneficiadas.

Por meio da linha de crédito Finimp (Financiamento às Importações), as indústrias poderão importar maquinário, aproveitando este momento em que o câmbio está favorável à importação. O convênio entre a FIEPA e o Banco do

Brasil, além da modernização dos parques, será o contrapeso da balança comercial do estado, haja vista que incentivará as compras internacionais. Nos primeiros oito meses de 2010, por exemplo, enquanto nossas exportações chegaram a um valor de US\$ 7 bilhões, as importações não passaram dos US\$ 770 milhões.

Incentivando as importações, a FIEPA e o Banco do Brasil acabam estimulando a produção e, por consequência, a exportação. “Por força deste convênio, o Banco do Brasil irá utilizar recursos do BNDES com taxas super competitivas, variando entre 5,5% e 8% ao ano. Acrescente-se, ainda, recursos para financiamento à importação com prazo de até cinco anos e taxas de juros médias de 5% ao ano”, explica João Batista Trindade Filho, superintendente do banco.



FABRÍCIO SANTOS

“O Banco do Brasil irá utilizar recursos do BNDES com taxas super competitivas, variando entre 5,5% e 8% ao ano. Acrescente-se, ainda, recursos para financiamento à importação com prazo de até cinco anos e taxas de juros médias de 5% ao ano.”

João Batista Trindade Filho, superintendente do banco

O representante do banco também anuncia que a documentação necessária para obtenção do financiamento será apenas aquela que as empresas já têm em seu poder, como dados financeiros, demonstrações contábeis e documentos dos proprietários e da empresa.

O Finimp permitirá o acesso a novas tecnologias dos mercados mundiais, capacitando o industrial paraense a se tornar mais competitivo e eficiente nos seus negócios. “É esta a nossa aposta com este convênio. Podemos financiar desde o custeio das atividades produtivas das empresas (capital de giro, comercialização, insumos, etc.) até investimentos (máquinas, equipamentos, construção civil, implantação, ampliação e renovação do parque industrial, etc.), sejam eles de procedência nacional ou importada”, explica João Batista Trindade Filho. ■

SAIBA MAIS SOBRE O FINIMP

Taxa de juros nas linhas de créditos

As taxas de juros praticadas pelo Banco do Brasil estão entre as menores do mercado financeiro. Por força deste convênio, o Banco do Brasil irá utilizar recursos do BNDES com taxas competitivas, variando entre 5,5% e 8% ao ano. Além disso, há recursos para financiamento à importação com prazo de até cinco anos e taxas de juros médias de 5% ao ano.

O que poderá ser financiado

O convênio permite oferecer acesso ao mercado importador de máquinas e equipamentos para modernização de plantas industriais, a custos altamente competitivos, de modo a ofertar produtos mais baratos para o consumidor final.

Carências

Segundo a superintendência do banco, as operações de investimento preveem prazos de carência compatíveis com as atividades das empresas tomadoras de crédito.

Garantias

A exigência de garantias depende da análise de crédito de cada cliente, feita de forma individualizada. Em determinados casos, pode-se dispensar garantias adicionais, sendo vinculado apenas o bem financiado. A análise é individualizada e cada caso é visto com as singularidades que a operação requer.

Orientações aos empresários para negociar empréstimos

Pesquisar custos financeiros (taxa de juros, IOF, IOC, TAC, etc.) e custos colaterais (registro de garantias, despesas cartorárias, etc), adequar a demanda pelo crédito às suas reais necessidades, analisar tendências de mercado e encontrar parcerias que atendam suas demandas e os conduzam à eficiência na gestão do crédito.

Vantagens ofertadas pelo Banco do Brasil

A credibilidade da instituição, agilidade, taxas de juros praticadas, atendimento diferenciado e portfólio de produtos e serviços, sem dúvida, são diferenciais agregados à marca Banco do Brasil.



• FIPA 2009 registrou inovações e o fortalecimento da indústria paraense

JOÃO LUZ

Valorizando o que é nosso

Contagem regressiva para a X FIPA, que será realizada em 2011: evento se propõe a impulsionar a indústria local dando destaque à produção industrial paraense

A indústria de cosméticos Futurama, instalada há 20 anos no Pará, é a única nas regiões Norte e Nordeste que fabrica esmaltes de unha, além de outros produtos de beleza. A produção da indústria é destinada à exportação, especialmente para os mercados europeu e americano. No entanto, a estratégia da empresa é trabalhar mais sua marca no mercado local e mostrar à sociedade que ela é paraense. Foi esse objetivo que levou a empresa a confirmar sua primeira participação na Feira da Indústria do Pará (FIPA), que chegará à décima edição em 2011.

Fortalecer e dar visibilidade às

indústrias locais, como a Futurama, têm sido objetivos da FIPA. Com a recente crise econômica mundial, essa ação ganhou ainda mais relevância, já que impulsionar o mercado local pode ser uma alternativa eficiente para blindar a economia paraense de novas crises mundiais. Segundo o coordenador da FIPA, Ivanildo Pontes, as indústrias paraenses precisam investir mais em ações de visibilidade. “Acreditamos que se o consumidor local souber que determinado produto é feito aqui, ou seja, que gera emprego e renda para o estado, ele terá prioridade na hora da compra”, enfatiza.

A FIPA traz essa oportunidade ao

empresário local. “Acreditamos que a visibilidade da feira será o melhor negócio para trabalharmos a marca no mercado interno”, justifica o diretor de comércio exterior da Futurama, Paulo Romualdo. Ele antecipa que o lançamento de tendências em cores de esmalte serão destaque na feira do ano que vem. Além disso, a indústria de cosméticos pretende apresentar parte da tecnologia utilizada no processo de fabricação dos esmaltes. A intenção, explica o diretor, é mostrar que o parque industrial paraense investe em tecnologia, produzindo bens de qualidade igual ou, até mesmo, superior aos que são fabricados em outras regiões do país.



• José Conrado e empresários durante evento de lançamento da X FIPA



A ÚLTIMA FIPA FOI REALIZADA EM 2009. VEJA ALGUNS NÚMEROS DO EVENTO:

10 mil metros quadrados de área de exposição

100 expositores

4 dias de exposição

40 mil visitantes

1000 empregos diretos e indiretos gerados

Mais que expor o que o setor produtivo paraense tem de melhor, a FIPA é também uma importante fonte de geração de empregos terceirizados. De acordo com a coordenação do evento, na IX FIPA, realizada em 2009, foram gerados mais de mil empregos diretos e indiretos em diversos segmentos. Mesmo não tendo como objetivo a promoção de negócios durante os quatro dias da feira, a FIPA também consegue movimentar um grande volume de recursos.

Segundo Ivanildo Pontes, a explicação para esse resultado seria a reunião em um só lugar de produtos de qualidade, além, é claro, do apelo de terem no rótulo a naturalidade

paraense. “Destacando nossa produção, acredito que fortalecemos o consumo local e, portanto, a indústria sediada aqui no Pará”, comenta o coordenador da FIPA.

A indústria paraense vive um bom momento – o setor investirá cerca de R\$ 100 bilhões no estado até 2014 – e a X FIPA vai refletir esse cenário. Como forma de ampliar a possibilidade de participação das indústrias do interior do estado, a organização do evento resolveu lançar a décima edição com maior antecedência do que nos últimos anos. Isso permitirá aos expositores que o processo criativo dos estandes possa ser mais bem explorado. ■

RETORNO GARANTIDO

A Milênio Estofados e Colchões, indústria sediada em Castanhal e maior empresa no estado no segmento de estofados, conhece bem as vantagens proporcionadas pela FIPA, tanto que já confirmou presença na edição de 2011. De acordo com o diretor José dos Santos Lucas Neto, após a realização da última feira, em 2009, o retorno de sua indústria foi imediato. “A visibilidade proporcionada pela feira facilitou bastante no fechamento de novos negócios. Fizemos negócios durante o evento e também conquistamos novos clientes que passaram a procurar ainda mais nossos produtos.”

Para a FIPA de 2011, a Milênio reservou um estande maior para expor seu produto. A fábrica de Castanhal tem diversificado sua produção e precisa aumentar a visibilidade da sua marca. “No ano passado foi a primeira vez que participamos da feira e o retorno foi muito bom e imediato. Na próxima, estaremos maiores e com mais produtos para apresentar à sociedade”, antecipa José Lucas.

O coordenador da FIPA, Ivanildo Pontes, destaca que a feira é uma boa alternativa para a construção da imagem dos produtos paraenses no mercado local. “Nossa intenção é o fortalecimento da indústria paraense e dos produtos regionais”, enfatiza.

SERVIÇO:

☑ A X FIPA acontecerá de 18 a 21 de maio de 2011, no Hangar. Os interessados em expor seus produtos devem entrar em contato pelos telefones (91) 4009- 4829 / 9114-9462 ou fipa2011@fiepa.org.br



PESCA INDUSTRIAL: EM BUSCA DA MODERNIZAÇÃO

A pesca é uma das principais atividades da história da humanidade e tem sido, ao longo dos anos, uma grande possibilidade para o aumento da oferta de alimentos com alto teor de proteínas às populações de menor poder aquisitivo. Vários países do mundo deram substancial ênfase à pesca industrial ao ponto de fazer do pescado a base de sua alimentação, como é o exemplo do Japão, China, Coreia e Peru.

Na Região Norte, observamos a grande influência do Rio Amazonas que drena toda a região, arrastando uma infinidade de nutrientes mar adentro, garantindo, assim, a ocorrência de grandes cardumes de peixes, quer em quantidade, quer em variedade. Estima-se que na região amazônica existam 25% das espécies de peixes do planeta, um percentual superior às espécies existentes no Oceano Atlântico. Com uma extensa plataforma continental e uma grande proporção de fundo regular, a Região Norte facilita a pesca de recursos demersais.

Inserido nesta região, o Pará tem um litoral de 562 km, compreendendo 70 mil km² de plataforma arrastável. Esse potencial permite a exploração flúvio-lacustre, costeira e de alto mar. O desafio do Pará está em aprimorar a pesca industrial. Para recolocar esse setor no caminho de expansão e, conseqüentemente, acelerar o seu desenvolvimento, se faz necessário que o Governo do Estado, através da Secretaria de Pesca e Aquicultura, interceda junto aos Ministérios da Pesca e do Meio Ambiente para aprimorar e agilizar os trabalhos de pesquisas e fiscalização, além de facilitar o acesso ao crédito para a renovação da frota pesqueira industrial.

A inovação é fundamental para garantir a competitividade do setor. Para se ter ideia da necessidade desta inovação, faz-se necessário um retrospecto histórico. A pesca industrial teve início, no Pará, em 1968, quando as primeiras empresas instalaram-se em Belém. Na época, a frota pesqueira do estado teve um significativo implemento, chegando a 50 embarcações camaroneiras e cerca de 20 piramutabeiros. Tentando consolidar a exclusividade econômica e o reconhecimento internacional das nossas 200 milhas, o governo brasileiro per-

mitiu que barcos estrangeiros operassem em nosso mar territorial, amparados por licenças especiais. Nossa área era frequentada por uma frota internacional que cresceu rapidamente, chegando a atingir, em 1977, cerca de 645 embarcações, o que fez reduzir a produção/barco/ano de 55 toneladas para 29 toneladas de camarão.

Sob pressão das empresas nacionais, o governo brasileiro encerrou os acordos internacionais em 1977, e a partir do ano seguinte, o Brasil passou a explorar com exclusividade sua área. Não possuindo uma frota pesqueira própria, principalmente para captura do camarão rosa, condizente com os estoques de camarão existentes em nossa área de pesca, permitiu o Governo que empresas

O Pará tem um litoral de 562 km, compreendendo 70 mil km² de plataforma arrastável. Esse potencial permite a exploração flúvio-lacustre, costeira e de alto mar.

brasileiras arrendassem barcos camaroneiros estrangeiros, limitando a frota em 250 embarcações.

A pesca de camarões do Norte do Brasil é realizada em um dos mais importantes bancos camaroneiros do mundo, estendendo-se desde Tutóia, no Maranhão, até o Delta do Orinoco, na Guiana. Apesar do limite de 250 embarcações, existem hoje cerca de 100 licenças autorizadas pelo Ibama, uma vez que esse número de 250 foi criado sem embasamento científico para sua determinação.

A maioria das empresas que exploram esta atividade está sediada em Belém. Além do camarão rosa, as indústrias locais exploram a piramutaba (exploração realizada por 48 embarcações). O segmento da pesca industrial do Pará emprega diretamente cerca de 4 mil trabalhadores, o que significa dizer que aproximadamente 20 mil pessoas dependem diretamente da geração desses empregos. Apesar das dificuldades e das barreiras ainda existentes no setor pesqueiro paraense, somos o maior produtor de pescados do Brasil (muito embora as estatísticas oficiais apontem o estado de Santa Catarina). Resta, assim, o desafio de modernizar o setor, e é o que vamos fazer. ■



Agora você **conhece** mais.

O SENAI abriu suas portas à comunidade e empresários e apresentou a estrutura responsável que há 57 anos já formou cerca de meio milhão de profissionais no Pará. Com uma programação completa, os visitantes puderam conhecer as novidades tecnológicas e as áreas de formação que estão movimentando a indústria.

O SENAI Casa Aberta proporciona, anualmente, orientação profissional e um ambiente ideal para o contato com o conhecimento. Mais de 3 mil pessoas participaram dos minicursos e palestras que ocorreram em três unidades do SENAI: Belém, Barcarena e Parauapebas.



www.senaicasaaberta.com.br

Informações: (91) 4009-4761



O papel ficou high-tech

Gráficas paraenses passam por modernização para atender as novas demandas de mercado, sem esquecer da preocupação com o meio ambiente

Missão: acompanhar o ritmo da evolução digital. Desafio: não ser substituído pelos equipamentos digitais. Tempo limite: já. É desta forma que as gráficas paraenses estão encarando a concorrência com a tecnologia que, a cada dia, pressiona o mercado do papel e o transfere para as novas mídias. Ler um livro, por exemplo, já não significa folhear o papel. O leitor pode acompanhar a leitura por meio dos e-books, livros digitais que começam a ser vendidos no mercado brasileiro.

Para que a missão não se torne impossível, as gráficas do estado, ao invés de terem o mundo digital como rival, aliaram-se a ele, passando por um processo de modernização, o que garantiu a estas indústrias mais agilidade e qualidade no processo de impressão. Há dois anos, o tempo médio de entrega do serviço gráfico era de 180 minutos. Com a tecnologia, este tempo caiu para 10 minutos, além de resultar num melhor desempenho da impressão.

A Gráfica Sagrada Família, por exemplo, que trocou o antigo processo do fotolito pelo CTP (Computer-to-plate), ganhou em produtividade. “Em pouco mais de dois meses, nossa produção foi de três milhões de trabalhos. Foi um aumento considerável, que só vem enfatizar que as gráficas do estado estão em pé de igualdade com os parques gráficos de grandes cidades, como o de São Paulo”, afirma o diretor da gráfica, Fábio Santos.

O tempo do serviço, explica Fábio, foi reduzido, já que o novo processo integra todos os maquinários do parque gráfico, além de eliminar antigos métodos como o de revelação, fixação e secagem das placas de fotolito. “O nosso serviço tem qualidade de off-set, que no momento é a melhor oferecida no mercado, e está saindo com o tempo das gráficas rápidas.”

O interior do estado vem acompanhando essa evolução industrial. Em Santarém, no oeste do estado, já existem indústrias modernas e que oferecem todos os serviços de impressão. “A região não deixa nada a dever aos grandes parques gráficos de São Paulo”, enfatiza o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Oeste do Pará, Antônio Djalma Vasconcelos.

A Global Grafic, indústria de Santarém e que atende toda a Região do Baixo Amazonas, investiu, há dois anos, no seu parque gráfico em busca de mais agilidade e qualidade. Novas máquinas off-set reduziram o tempo do serviço da gráfica. “O mercado estava pedindo mais agilidade, por isso foi feito um investimento que nos deu essa rapidez, além de melhorar a qualidade do serviço”, afirma a gerente geral da indústria, Simone Amorim. ■



FOTOS: TARSO SARRAF

• **Modernização dos parques industriais deram às gráficas paraenses um novo fôlego e garantiram a competitividade com grandes indústrias de outras regiões do país**



A favor da sustentabilidade

A tecnologia absorvida pelas gráficas garante a estas indústrias a sustentabilidade da produção. Através da gravação direta da chapa de impressão por laser, a partir de um arquivo digitalizado e armazenado em suporte eletrônico, o CTP permite eliminar o fotolito e os químicos, assim como outras etapas do processo convencional.

No processo tradicional de revelação das chapas de impressão (fotolitos), se utilizava grande quantidade de água (cerca de 40 litros de água para lavar cada chapa) e de químicos (revelador e fixador). Com o novo processo, o fotolito foi eliminado e com ele os químicos e a grande quantidade de água.

Outra prática ambiental que começa a ser adotada pela gráfica é a redução de papel para as provas de impressão. O gerenciamento do processo pré-impressão através do computador, integrado ao maquinário, dá mais precisão ao processo e evita o desperdício. “No processo antigo, chegávamos a gastar cerca de 100 folhas de papel para chegar num estado de excelência. De 100, passamos para 10”, ressalta Fábio Santos, diretor da Gráfica Sagrada Família.

De acordo com o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Pará (Sigepa), Carlos Jorge da Silva, ações de mitigação aos impactos ambientais são incentivadas pela entidade sindical. “Sabemos que estas medidas sustentáveis, além de serem positivas para o cliente, que leva um produto menos agressivo ao meio ambiente, também têm retorno para as gráficas. Antes do uso do CTP, tínhamos que pagar uma empresa terceirizada só para o produto dos químicos. Com o novo processo, cortamos este custo e ganhamos em qualidade”, alega.

A redução da quantidade de tinta utilizada no processo de impressão é outra tendência que começa a ser introduzida nos parques gráficos do estado. As indústrias, afirma Carlos Jorge, estão reduzindo em 30% a quantidade de tinta. “O investimento para adquirir estes maquinários ainda é alto, temos a desvantagem de pagarmos mais tributos aqui que em qualquer outra região do Brasil, no entanto, com a tecnologia CTP, as gráficas podem reduzir tinta, ganhar em qualidade e reduzir tempo.”

AS PRINCIPAIS VANTAGENS DO CTP

	Fotolito	CTP
Tempo médio	180 min	10 min
Folhas para prova	100 folhas	10 folhas
Processo pré-impressão	utilização de químicos	não utiliza químicos
Modo de impressão	revelação	a laser
Parque gráfico	dissociado (individual)	integrado

O mundo se rende ao açaí

O fruto que já virou música e que faz parte da cultura do paraense tem também um grande potencial para a exportação. Quem investiu nesse mercado já colhe os resultados.





TARSO SARRAF

FOTO: ANTONIO MACHADO

O açaí é o fruto do açaizeiro, uma palmeira nativa da região amazônica que pode chegar até 25 metros de altura. Com um formato arredondado e de pequeno diâmetro, o açaí se frutifica em cachos. O fruto pode ser encontrado durante o ano todo, no entanto, é mais abundante e fácil de encontrar entre os meses de julho e dezembro, e o ponto certo para colher o fruto é quando sua cor está bem arroxeadada, sinal de que já está maduro.

Do açaizeiro praticamente tudo é aproveitado: do tronco é extraído o palmito e das folhas os caboclos de nossa região aproveitam para fabricar o teto das suas casas. A polpa do açaí é altamente energética e, por ser rica em cálcio, minerais e vitaminas — especialmente B1 e B2 —, equivale a uma refeição. Mas as pessoas que se preocupam com os quilinhos a mais no seu peso corporal devem ter um pouco mais de cuidado: o açaí é bastante calórico e gorduroso — cada 100 gramas de polpa possui 248 calorias e 9 gramas de gordura.

O verdadeiro paraense aprende a gostar de açaí desde pequenininho. Conforme vai crescendo, vai definindo as suas preferências entre o açaí “do grosso” ou “do ralo”. É acostumado a ver entre seus familiares um espetáculo de misturas e sabores. Do açaí com jabá, com charque, camarão. Também pode ser com peixes

como o pirarucu, farinha de tapioca, e o que mais o paladar pessoal de cada um preferir. A verdade é que o açaí é um fruto que se transformou em um alimento muito especial e importante para a mesa e cultura do paraense.

E quem diria que essa frutinha do tamanho de uma peteca (ou bolinha de gude), muito presente nas nossas vidas e em nosso cotidiano, teria tanto poder de aceitação ao redor do mundo, em países como os Emirados Árabes, os Estados Unidos e a Espanha, por exemplo. Um orgulho, sem dúvida, para o nosso estado.

Os empresários paraenses que investiram no açaí como um potencial negócio estão enxergando mais de perto uma infinidade de oportunidades de gerar mais renda, mais empregos formais, ampliar mercados e modernizar o seu processo produtivo, inclusive acompanhando as novas tendências mundiais de desenvolvimento sustentável.

Um exemplo é a Bony Açaí, localizada no município de Marituba, na região metropolitana de Belém. O negócio da Bony é a produção de polpa de açaí e seus derivados, como sucos e mix. De acordo com o presidente da empresa, o empresário Bony Monteiro, a fábrica foi implantada em meados de 2005, e de lá para cá o seu ritual é pela busca constante pela qualidade desde a origem do produto.

“Desenvolvemos um trabalho com nossos fornecedores e ribeirinhos da região amazônica, onde oferecemos treinamento adequado para a plantação da palmeira e a colheita do açaí. Durante todo o processo de cultivo não são permitidos pesticidas ou agrotóxicos e utilizamos apenas adubo orgânico, um adubo feito a partir da sobra do caroço de açaí triturado que foi beneficiado em nossa fábrica”, explica.

Ainda de acordo com Monteiro, a intenção da empresa é incentivar o



TARSO SARRAF

• Embora o açaí seja um produto de exportação, o processo de cultivo do fruto continua sendo feito de forma tradicional, com a participação de ribeirinhos, que estão mais conscientes sobre a sustentabilidade no cultivo

plântio e o suporte técnico agrícola gratuito para os colhedores. Com isso, diz o executivo da Bony Açaí, o objetivo é garantir o fornecimento regular do açaí e conscientizar os ribeirinhos de que é mais viável manter a palmeira em pé em vez de cortá-la para a retirada do palmito. “Assim, além de garantir o fornecimento, evitamos a degradação ambiental e ajudamos no reflorestamento de áreas desmatadas pela extração inconsequente”, diz o presidente da empresa.

Seguindo o que ditam as regras para um negócio de sucesso, especialmente quando se fala em mercado internacional, a Bony tem a preocupação de acompanhar a forma como o açaí está sendo produzido. “Nossa filosofia é vender o açaí para o mundo como fonte de saúde, no entanto, sabemos que o fruto vem sofrendo com constantes contaminações por não haver o tratamento certo, a fiscalização adequada e profissional. E

COLHENDO OS FRUTOS

☑ De janeiro a junho de 2009, o Pará foi o **2º maior exportador** de açaí do Brasil, impulsionado principalmente pela exportação de polpas de frutas.

☑ Em 2009, o Pará exportou **11.350 toneladas** da polpa do açaí, lucrando perto de **28 milhões de dólares**.

☑ Do total exportado, **88%** foi destinado ao mercado dos **Estados Unidos**. O restante foi principalmente para **Ásia e Europa**.

☑ Projeta-se que até o final de 2010 o lucro das exportações da polpa do açaí chegue aos **30 milhões de dólares**.

FONTE: CINFIEPA

isso não é particularidade do açaí, isso pode acontecer com qualquer alimento. Se não tratar bem o alimento, ele vai dar problema”, explica.

Essa preocupação tem fundamento, afinal, a publicidade negativa causada pelos noticiários que alertam para o risco de contaminação do açaí podem afetar os negócios de quem investe nesse mercado. Para quem pretende conquistar seu espaço nesse negócio, a segurança no processo produtivo deve ser um item prioritário. “Se uma fiscalização séria e profissional não for realizada, o nosso ouro roxo, que é o açaí, vai acabar, por que num futuro bem próximo, vamos perder o valor que ele está conquistando em todo o Brasil e principalmente no mercado internacional”, aponta Bony Monteiro, para quem o próprio governo paraense não está dando a atenção devida para a produção do açaí. “Não temos um programa sequer de fomento ao plântio”, critica. ▶

Muito bem recebido lá fora

O açaí pronto da Bony Açaí já está nos supermercados dos Estados Unidos, principalmente na região da Califórnia. Está chegando também à Europa, por meio de um acordo comercial com a Coca-Cola Europeia, e ao Oriente Médio, através de uma recente negociação com o Sheik Mohammed bin Zayed Al Nahyan, o todo-poderoso de Abu Dhabi, fã do açaí paraense e do jiu-jitsu brasileiro.

De acordo com Bonny, essas negociações foram proporcionadas por meio de um conjunto de fatores, entre eles o investimento em marketing esportivo com o ex-campeão mundial de MMA, o baiano radicado em Belém, Lyoto Machida, que por um ano (2009-2010) conseguiu segurar o cinturão do maior evento de lutas marciais do mundo, o UFC - Ultimate Fight Championship.

As propriedades energéticas do açaí, aliás, já ganharam fama, sendo o fruto um importante complemento da dieta alimentar de quem frequenta academias no sul e sudeste do Brasil. A aposta de aliar o açaí à imagem de um campeão esportivo foi uma boa estratégia para a Bony Açaí. “Procurávamos mais que um atleta famoso para explorar sua imagem e associar a nossa marca. Nós buscávamos sim um exemplo a ser seguido de caráter, dedicação, coragem e determinação e fonte de inspiração para todos nós aqui na Bony”, enfatizou.

A aceitação do produto pelo mercado externo já existe, mas as indústrias locais ainda precisam driblar problemas internos que são resultado da falta de políticas públicas. Um dos grandes problemas é a logística de transporte. Hoje, para o fruto chegar às fábricas, sediadas em sua maioria em Belém, ele tem que



FOTOS: ALDRIDGE NETO

• **O empresário Bony Monteiro, da Bony Açaí, já comemora a conquista de mercado com o produto paraense**

enfrentar diariamente as péssimas condições das estradas, especialmente da Alça Viária, principal corredor de acesso à capital. Resultado: alto custo na manutenção dos transportes, grandes riscos de acidentes, além dos atrasos inaceitáveis da rota. A oportunidade de fazer do açaí um produto de destaque internacional está aqui, no entanto, a política ainda precisa evoluir. Para a indústria paraense, esse é um fator de preocupação e um entrave aos novos desafios.

Com mais investimentos, o Pará poderá chegar a principal fornecedor de açaí para o mercado mundial, ampliando os números que já são positivos. Segundo a Secretaria de Agricultura do Estado (Sagri), em 2009, a produção do fruto chegou a 604 mil toneladas. Igarapé-Miri é o município de maior produção e colaborou com 153 mil desse total. ■





• A Bony Açaí apostou na associação do seu produto à imagem do lutador Lyoto Machida: o alimento virou sinônimo de saúde

BOM PARA A SAÚDE...

Além de rentável do ponto de vista comercial, o açaí também faz bem ao coração. É o que constatou uma pesquisa da Universidade Federal do Pará. O médico cardiologista Eduardo Augusto Costa, há onze anos, acompanha mais de 800 pessoas que tomam açaí e mais de 200 que não tomam no município de Igarapé-Miri, no nordeste do estado. De acordo com a análise, o HDL (bom colesterol) é elevado e o LDL (mau colesterol) se mantém em níveis normais nas pessoas que tomam açaí.

O dado mostra que esse grupo possui menos riscos de sofrer com doenças ateroscleróticas do que a amostra da população que não consome o alimento. O pesquisador percebeu que tomando açaí diariamente essa população não sabia que estava se prevenindo contra aterosclerose (entupimento de veias e artérias). O açaí, como é rico em uma substância antioxidante, a antocianina, age abastecendo o organismo contra a formação de placas de gordura.

COMPOSIÇÃO EM 100G DE POLPA DO AÇAÍ

☑ 247 calorias	☑ 11,80mg ferro
☑ 3,80g proteínas	☑ 0,36mg vitamina B1
☑ 16,90g fibra	☑ 0,01 vitamina B2
☑ 118,00mg cálcio	☑ 0,40mg niacina
☑ 58,00mg fósforo	☑ 9,00mg vitamina C

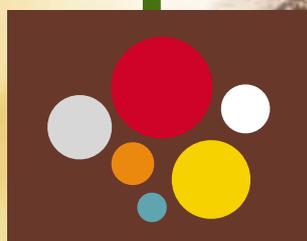
... E BOM ATÉ PARA A PELE

Hidratante corporal, sabonete líquido e óleo trifásico. Tudo feito de açaí. A Natura, empresa que produz cosméticos, desenvolveu uma linha inteira à base do fruto amazônico. Com a utilização do açaí na linha Ekos, a empresa inaugurou, em 2009, o conceito de Safras. Assim como nas safras da natureza, os produtos ficam disponíveis apenas por um período no ano e retornam no ano seguinte ao portfólio com os produtos mais vendidos e novidades.

O cultivo de açaí utilizado pela Natura é orgânico, certificado pelo Instituto de Mercado Ecológico (IMO) e feito através do manejo sustentável pela Cofruta, uma comunidade em Abaetetuba, no nordeste do Pará. A partir desse cultivo, os ativos são transformados em óleo, torta e aromático de açaí que compõem as fórmulas dos produtos da linha.



DIVULGAÇÃO



EXPOSIBRAM AMAZÔNIA 2010

Exposição Internacional de Mineração da Amazônia
2º Congresso de Mineração da Amazônia

*International Mining Exhibition of Amazon
2nd Mining Congress of Amazon*

**A natureza sustentável da
indústria mineral**



Um evento que vai renovar suas ideias sobre mineração

O setor de mineração é o mais rentável da economia paraense e está entre os que mais geram empregos e oportunidades. Para manter esse ótimo desempenho, a mineração precisa continuar investindo em conhecimento, tecnologia, segurança, desenvolvimento e sustentabilidade. Por isso, o IBRAM realiza o 2º Congresso Internacional de Mineração da Amazônia, uma oportunidade para especialistas, estudantes, autoridades e profissionais do setor trocar ideias e experiências em busca de melhores caminhos para o futuro da mineração no Pará, no Brasil e no mundo.

2º Congresso de Mineração da Amazônia: 22 a 25 de Novembro de 2010 no Hangar Centro de Convenções da Amazônia (Belém-Pará-Brasil).

Inscrições pelo site: www.exposibram.org.br | Mais informações: (91) 3229-6468



MINÉRIO DE FERRO
PELOITIZADO



AÇAÍ



Informação a serviço da cidadania

Projeto Voto Cidadão reúne entidades preocupadas em esclarecer à população a importância de escolher com consciência e responsabilidade nossos governantes

Ir às urnas é o ponto máximo da democracia brasileira. Escolher os governantes da nação, de cada estado e do município é tarefa de todo cidadão. O gesto é rápido e realizado a cada dois anos, porém, o ato de votar não é tão simples. Neste gesto está a escolha de um projeto para o desenvolvimento de um país e de uma nação. Por isso, esse ato deve ser consciente.

No intuito de ajudar a conscientizar todos os segmentos da sociedade da importância do voto, o Sistema Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA), por meio do seu Conselho Temático Permanente de Responsabilidade Social e de Educação, e o Serviço Social da Indústria (Sesi) uniram-se numa parceria inédita com o Tribunal Regional Eleitoral do Pará (TRE), o Ministério Público Federal e a Ordem dos Advogados



FOTOS: FABRÍCIO SANTOS

• Representantes da FIEPA, da OAB-PA e do TRE envolvidos no projeto

do Brasil, seção Pará (OAB-PA), para lançar o projeto “Voto Cidadão”.

O projeto ousado tem como objetivo levar cartilhas educativas e o vídeo com a peça “Somos os Patrões” aos pátios das indústrias, às unidades do Sesi, Senai e ao maior número de pessoas possíveis. Com texto leve e objetivo, a cartilha “Passaporte para um Brasil melhor” explica os impactos do voto no dia a dia da sociedade.

Já a peça “Somos os Patrões”, criada pelo Grupo Experiência, que pela primeira vez produz uma encenação voltada às indústrias, usa elementos do cotidiano para demonstrar os impactos socioeconômicos do voto na vida de cada cidadão.

“Começamos a levar o projeto para dentro das empresas. Queremos atingir o maior número de pessoas possíveis. Exercer com consciência



o voto é fundamental para melhorar nossa sociedade. Já montamos o kit com o vídeo da peça “Somos os Patrões”, a cartilha, mais o texto da peça para ser adaptado em centros comunitários, associações de moradores, escolas e dentro das próprias empresas”, explica José Olímpio Bastos, superintendente do Sesi no Pará.

A primeira empresa visitada pelo projeto foi a Copala, siderúrgica de fabricação de vergalhões com sede no Guamá, na periferia de Belém. A encenação foi vista por cerca de 150 funcionários, que deram uma pausa na rotina do trabalho para compreender a importância do voto. O refeitório da fábrica virou um palco para os artistas do projeto.

Quem assistiu à peça, entendeu a importância do direito que tem. “O voto é uma escolha que com certeza gera consequências boas e ruins para todo o nosso estado”, diz Wilson Tavares, de 20 anos, que trabalha há dois anos como mecânico industrial da Copala. Seu colega de trabalho, Edilson Rodrigues, vai além. “Já passou o tempo de vender votos. Agora é escolher quem tem projetos de fato para o nosso desenvolvimento”, enfatiza. ▶

NO PALCO, A IMPORTÂNCIA DO VOTO

Usar a linguagem do teatro para despertar o interesse da população sobre as consequências do voto foi uma das principais ousadias do projeto “Voto Cidadão”. O Grupo Experiência, uma das mais importantes companhias de teatro do Pará, montou uma peça especialmente para o projeto. “Em 40 anos de história, é a primeira vez que estamos encenando uma peça encomendada pela indústria. Acho que o teatro é a forma mais imediata e ágil de atingir o público. O grande diferencial desta performance é que vamos conscientizar de uma forma leve, clara, objetiva e direta”, explica Geraldo Salles, diretor do Grupo Experiência.

O texto da peça “Somos os Patrões” é uma adaptação da professora e escritora paraense Helena Girarde, com base nos livros “Senhor Cidadão, Você é o Patrão” e “A Força do Cidadão”, escritos pelo superintendente do Sesi, no Pará, José Olímpio Bastos, cujos direitos autorais foram doados ao projeto.

A história de “Somos os Patrões” se passa numa feira de Belém durante conversas entre um feirante chamado Antão e seus clientes: um doutor, um auxiliar da feira chamado Zé Mané, uma dona de casa e um bêbado. “A feira é uma verdadeira miscelânea de pessoas. A diversidade cultural e de classe social fervilha neste local. Daí mostrar que todos estamos sujeitos às mesmas leis e temos que conhecer nossos direitos e deveres. É assim que se constrói a verdadeira democracia”, explica Helena. A mensagem final da peça dá nome ao espetáculo. diz “Somos os Patrões”, porque toda a escolha final é do cidadão. Democracia e desenvolvimento andam juntos. A cidadania também passa pelo voto consciente.

Nos diálogos da peça são tratados assuntos como voto, cidadania, diferença de poderes federal, estadual e municipal, impostos, entre outros, sempre utilizando a sátira para deixar tudo mais leve. “A peça foca na importância de se conhecer direitos básicos que podem melhorar o nosso dia a dia. Temos que cobrar providências, afinal, todos pagamos inúmeros impostos e temos que cobrar a aplicação destes recursos”, resume Helena.



• *Empregados da Copala foram os primeiros a receber a encenação da peça teatral "Somos os patrões"*

Adaptação livre

A encenação da peça dura cerca de 30 minutos e todo o cenário e figurino foram feitos especialmente para a apresentação. O texto produzido pelo Grupo Experiência poderá ser adaptado em empresas, escolas, centros comunitários e outros lugares. "Queremos mostrar que o momento do voto interfere diretamente na vida de todos e ele tem consequências profundas no desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade inteira. Por isso, fazemos parte deste projeto", afirma José Conrado San-

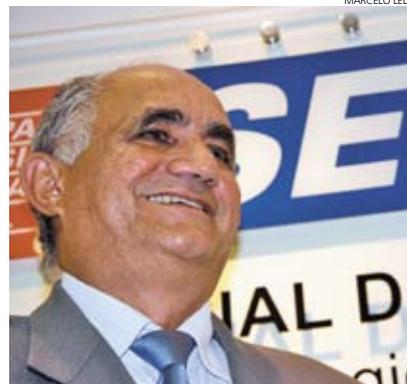
tos, presidente da FIEPA.

Para o presidente da OAB-PA, Jarbas Vasconcelos, a iniciativa é importante para o avanço da cidadania no Brasil. "A cidadania reclama um estado republicano e temos muito que avançar. Conscientizar é um passo importante nesse sentido", afirma Jarbas Vasconcelos. O desembargador João Maroja, presidente do TRE, do Pará, acrescenta: "É um instrumento de muita valia que ajuda no desenvolvimento de uma consciência cidadã." x

SERVIÇO

- ☑ Quem quiser receber o vídeo da peça "Somos os Patrões", a cartilha, o roteiro da peça para encenação, os dois livros "Senhor Cidadão, Você é o Patrão" e "A Força do Cidadão", pode entrar em contato com a Gerência de Responsabilidade Social Empresarial nos telefones: (91) 4009-4920 / 4009-4973 / 4009-4975 ou ainda enviar e-mail para votocidadao@sesipa.org.br

MARCELO LEUS



"Queremos atingir o maior número de pessoas possíveis. Exercer com consciência o voto é fundamental para melhorar nossa sociedade. Já montamos o kit com o vídeo da peça 'Somos os Patrões', a cartilha, mais o texto da peça para ser adaptado em centros comunitários, associações de moradores, escolas e dentro das próprias empresas."

José Olimpio Bastos, superintendente do Sesi no Pará



FUNCIONÁRIO FELIZ: PATRIMÔNIO DAS MELHORES EMPRESAS

Melhorar o ambiente de trabalho colabora para o bem-estar do empregado e para o aumento da produtividade nas empresas

Dançar, dormir, fazer exercícios físicos ou simplesmente assistir a um pouco de televisão. Quem trabalha – e especialmente quem precisa passar o dia inteiro no ambiente de trabalho – nem sempre consegue reservar tempo a essas atividades de relaxamento e lazer e, por isso, acaba ficando mais estressado. Para remediar essa situação, há uma tendência entre as empresas de investir nos chamados espaços de convivência, que nada mais são que locais preparados para que seus funcionários relaxem por alguns minutos ou horas, durante o expediente.

Não é nenhuma novidade que empregados menos estressados trabalham mais felizes. Com isso, as vantagens aparecem tanto para os próprios funcionários quanto para as empresas, que melhoram seu clima interno, ganham com melhora na produtividade e correm menos riscos de perder os bons funcionários para outras empresas.

“Esses espaços também possibilitam que as pessoas se conheçam e desenvolvam boas relações. Às vezes, os colaboradores não se relacionam diretamente durante suas atividades e acabam tendo essa oportunidade nesses espaços”, diz a psicóloga organizacional Suzi Souza, da Ímpar Educação Profissional.

A psicóloga diz que propiciar aos funcionários espaços de convivência eficientes nem depende da oferta de inúmeras atividades. Enquanto as maiores empresas oferecem desde espaços para tirar um cochilo, até aulas de dança, as médias e pequenas empresas podem até apro-

veitar um espaço que já exista na estrutura do empreendimento. “Um espaço ocioso pode se transformar em uma sala de convivência, que pode ser até, por exemplo, um ambiente para os funcionários almoçarem e conversarem de maneira confortável”, afirma Suzi.

Um local onde a instalação de um espaço de convivência tem dado certo é na sede das Centrais Elétricas do Pará (Celpa), em Belém. Funcionando desde fevereiro, o Espaço Mais Energia, como foi nomeado, é preparado para receber cerca de 300 funcionários, com atividades variadas que incluem academia de ginástica, aulas de dança, *lan house* e salas de jogos e descanso. A ideia é proporcionar algumas opções de lazer e relaxamento para aqueles empregados que almoçam na empresa. “A criação desse espaço é uma das ações que aumentam a satisfação dos nossos colaboradores, aumenta a qualidade de vida, melhora as relações, e nós não temos dúvidas de que isso traz muitos benefícios”, afirma o diretor administrativo e financeiro da Celpa, Mauro Chaves.

A assistente administrativa Adenilde Queiroz, de 39 anos, aprovou a ideia. Ela fez academia por mais de 10 anos, mas, por falta de tempo e de disposição, parou de frequentar as aulas. Agora, ela aproveita a academia do Espaço para praticar exercícios e se preparar para o circuito de corridas da cidade, já que também costuma participar das competições. Para ela, a iniciativa do espaço de convivência também contribui para melhorar sua produtividade. “Eu sinto que no segundo expediente minha produção é maior, porque a minha adrenalina está lá em cima. E, como não tenho tempo de ir à academia, ganho tempo e qualidade de vida”, afirma. ■

O palco é dos bonecos

O maior festival de bonecos do Brasil trouxe a Belém companhias nacionais e internacionais para mostrar o melhor da arte bonequeira

Cor, movimento e encanto tomaram conta de Belém em setembro, durante o festival Sesi Bonecos do Mundo, que aconteceu no Teatro Maria Sílvia Nunes, na Estação das Docas e na Praça Amazonas. Dez companhias nacionais e quatro internacionais apresentaram mais de 20 espetáculos gratuitos na capital paraense, única cidade do Norte e Nordeste a receber o evento em caráter mundial, em 2010. No total, o festival reuniu cerca de 60 mil pessoas que puderam conhecer um pouco mais sobre as diversas técnicas de manipulação e acompanhar as verdadeiras mágicas que os artistas fazem com seus bonecos.

O Sesi Bonecos existe desde 2004 e foi idealizado por Lina Rosa Vieira, que também é curadora do festival. Em seis anos, o festival já percorreu os 27 estados brasileiros e mais de 1,5 milhão de pessoas assistiram aos espetáculos, que primam pela democratização do acesso no que há de melhor na arte mamulengueira. “O teatro de bonecos é tão criativo, tão simples e ao mesmo tempo tão diversificado que é importante levar essa manifestação aos diversos lugares do país”, diz Lina Rosa.

Em 2010, Belém foi a escolhida para abrigar a versão mundial do evento por ser considerada a capital cultural da Região Norte do Brasil. “Na primeira vez em que estivemos aqui, em 2007, realizamos o resgate do boneco popular brasileiro. Em 2010, o foco principal foi mostrar



FOTOS: TIAGO CHAVES

• **Cultura sem sair de casa: apresentações do festival chegaram às ilhas de Belém levando encanto e diversão para crianças e adultos**

todas as possibilidades dessa arte na atualidade. A participação foi extraordinária. Tanto em quantidade, quanto em maturidade, capacidade de resposta, integração e entendimento dos espetáculos”, avaliou a curadora.

As companhias que vieram à capital paraense em 2010 foram: XP-TO (MG), Gente Falante (RS), Anima Sonho (RS), Giramundo (MG), Mestres Mamulengueiros (PE/RN), Inbust (PA), The Huber Marionettes (EUA), Girovago e Rondella (Itália), Jordi Bertran (Espanha) e Storybox Theatre (Inglaterra).

A companhia mineira Giramundo trouxe ainda a exposição “Uma volta ao Giramundo”, que mostra uma parte da trajetória de 40 anos

do grupo. Foram exibidos cerca de 80 bonecos integrantes de diversas montagens como Pinóquio, Alice no País das Maravilhas e Bela Adormecida.

Além disso, houve um show do grupo Pequeno Cidadão, formado por Arnaldo Antunes, Edgar Scandurra, Taciana Barros e Antônio Pinto. Na mala, além das composições que mostram a rotina das crianças, vieram ainda os próprios filhos dos artistas. “Tivemos uma receptividade maravilhosa em Belém. O público respondeu muito bem à programação e às oficinas que realizamos aqui. A gente sai com uma sensação muito boa daqui e com vontade de voltar”, declarou Lina Rosa, ao fim do festival. ❧



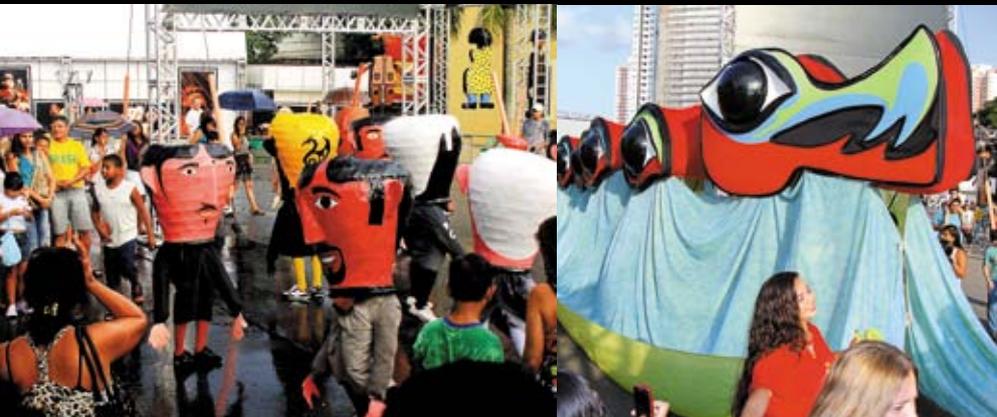
Bem mais que diversão

Ao mesmo tempo em que traz diversão gratuita para as cidades aonde chega, o festival Sesi Bonecos também se preocupa com a formação técnica e a qualificação das pessoas que trabalham diretamente com o teatro de bonecos e fazem disso sua profissão. Em Belém, foram oferecidas duas oficinas gratuitas: bonecos quadro a quadro, para ensinar a técnica *stop motion*, e teatro de sombras. Os cursos, gratuitos, foram ministrados por profissionais de grande importância no cenário artístico nacional.

O ator e manipulador paraense Marcelo Andrade aproveitou para atualizar seus conhecimentos e planejar novas apresentações junto com seu grupo de teatro de bonecos. "É importante acompanhar o trabalho de outros profissionais, ver como eles desenvolvem algumas técnicas e criam coisas novas. Isso nos ajuda a ampliar a nossa própria capacidade de criação de espetáculos, na variação de temas e na utilização de materiais diversos", avalia Marcelo.

Carlos Mamberti, produtor cultural há 25 anos e coordenador das oficinas do Sesi Bonecos do Mundo, explica que um dos maiores méritos do projeto é manter ações voltadas para a formação profissional. "Capacitamos os participantes locais para que eles possam desenvolver novos trabalhos e para incentivar o crescimento das comunidades por onde passamos", detalha Mamberti.

Depois de Belém, o festival Sesi Bonecos seguiu para Teresina (PI), São Luís (MA) e Boa Vista (RR).



• Lugares de Belém viraram palco para os artistas do festival



A educação em favor da mudança social

Navio-escola do Senai leva educação profissional gratuita às populações mais carentes, onde jovens apostam nos cursos para conseguir crescer profissionalmente

Em meio a paisagens exuberantes e chuvas torrenciais, a vida das comunidades ribeirinhas do Pará é conduzida pelos rios da região, em um percurso típico do Baixo Amazonas. Mas, se a cabine de comando for a do navio-escola Samaúma, a viagem pode se tornar ainda mais interessante, pois o destino não é um lugar, mas sim o conhecimento, que pode modificar a realidade de uma comunidade inteira.

Navegando pelos rios do Pará, o navio-escola, mantido em uma parceria do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) do Pará e o do Amazonas, mostra que não existem barreiras geográficas para ensinar e aprender. O projeto qualificou, só este ano, no Pará, mais

de 1.600 pessoas moradoras dos municípios de Monte Alegre, Prainha e Almeirim. Todas no oeste do estado, onde o Senai não possui unidades fixas de atendimento. O navio-escola qualifica também as comunidades circunvizinhas por onde ancora.

De acordo com o Diretor Regional do Senai-PA, Gerson Peres, a missão do Samaúma é levar ensino profissionalizante para municípios que não possuem escolas mantidas pela instituição ou com difícil acesso aos centros urbanos. “O Samaúma tem o objetivo de disseminar conhecimento profissionalizante no interior do estado para que as cidades distantes da capital possam conquis-

tar uma economia autossustentável, utilizando a mão de obra local.”

Com uma “tripulação” de 14 professores e funcionários e 20 cursos gratuitos de qualificação profissional, o município de Monte Alegre foi o primeiro destino da embarcação. Por lá, o Samaúma atendeu 534 pessoas que agora podem alimentar novas esperanças com o certificado de qualificação profissional nos cursos de confeitiro, padeiro, higiene na manipulação de alimentos, eletricitista, marceneiro, mecânico, costureiro, instalador hidráulico, pedreiro, empreendedorismo, informática avançada e educação alimentar.

Mônia Sanches Macedo, de 29 anos, não pensou duas vezes quando o navio-escola chegou à cidade pela primeira vez. Tratou de se inscrever





FOTOS: LORENA NOBRE / VUIRAGE

UM MUNDO DE OPORTUNIDADES

Para a única mulher na turma de eletricidade, Maria de Jesus, de 38 anos, o certificado do curso trará a chance de mudar de profissão. Trabalhando como empregada doméstica, atividade que requer muito esforço e pouco rendimento salarial, Maria aposta no que parece ser indispensável naquela comunidade. “A região depende de eletricidade. Se não tiver um disjuntor funcionando, por exemplo, uma casa ou uma empresa podem ficar sem energia elétrica”, explica. Maria também pretende mostrar que as mulheres podem exercer atividades predominantemente masculinas.



• **Educação itinerante: alunos qualificados em cursos como marcenaria e informática**

no curso de modista costureira. Com os ensinamentos do curso, Mônia e sua irmã Mônica pretendem iniciar o próprio negócio para oferecer os serviços de costureira. “Antes eu não sabia nem pregar um botão, mas sempre tive a vontade de aprender a costurar. Agora, com meu certificado em mãos, estou pronta para atender minhas futuras clientes com qualidade. Tenho muitas ideias empreendedoras”, conta Mônica.

Cid Almeida, de 25 anos, está entre as 538 pessoas qualificadas pelo projeto na segunda cidade onde o barco ancorou: Prainha, no oeste do estado. Qualificado em informá-

tica avançada, Cid, que é casado e tem dois filhos pequenos, busca uma profissão onde possa usar tudo o que aprendeu no curso. “O curso do Samaúma vai me ajudar muito na procura de um emprego e contribuir para que eu possa dar um futuro melhor para a minha família. Com a capacitação, aonde você chegar tem emprego”, afirma Cid.

E os benefícios do Samaúma para a família de Cid Almeida não param por aí. Seu irmão mais velho, Pedro, de 36 anos, fez o curso de higiene na manipulação de alimentos e pretende seguir a profissão de cozinheiro para um restaurante na cidade. ■

Uma atividade bastante popular entre os usuários do navio-escola é o curso de mecânica de motocicletas. Este tipo de veículo é bastante utilizado na região em atividades geradoras de renda, como o serviço de moto-táxi. Nas aulas, os alunos aprendem a detectar problemas mecânicos e a substituir peças. Com o conhecimento, podem fazer a revisão de suas próprias motos ou, ainda, montar suas próprias oficinas.

Benedito Barroso, 23 anos, e Fernando Cunha, 30 anos, são amigos e fizeram juntos o curso. Eles pretendem abrir uma oficina e atender a demanda que, segundo eles, é crescente. Ambos fazem parte do grupo de novos profissionais do município de Almeirim, a terceira cidade visitada pelo navio-escola.

Para o gerente de ações móveis e comunitárias do Senai/AM, Teodório Ferreira, é sempre gratificante viajar no Samaúma. “Passar o conhecimento às pessoas é também um aprendizado contínuo para nós que temos a missão e, sobretudo, o desafio de qualificar indivíduos que muitas vezes passam anos sem sentar numa cadeira de sala de aula”, destacou. Os cursos, todos gratuitos, são ministrados por instrutores do Senai Nacional e do Amazonas, em parceria com o Departamento Regional do Senai-PA e FIEPA.



• **Entre os qualificados, destaque para Maria de Jesus: força de vontade para mudar**



O QUE ESTÁ FALTANDO?

*“O dia já não brilha como antes. O que está faltando?
Pessoas tão dispersas, tão distantes. O que está faltando?
Me diz o que aconteceu? O ódio se fortaleceu?
Explica pelo amor de Deus, o que está faltando?
Saio não sei se vou chegar, venho não sei se vou voltar,
Pergunta que não quer calar: O que é que falta? O que é que há?
Falta amor, falta amizade, falta respeito, responsabilidade.
Está faltando união, mostrar que ainda somos irmãos.
Falta o “dar para receber”, falta atitude, falta eu e você nos darmos as mãos.
Felicidade não é destino, é decisão!”*

O talento que vem da indústria

Superando o número de participantes da edição anterior, o Festival Sesi Música ganha adesão dos trabalhadores e abre espaço para revelar artistas das indústrias paraenses

FOTOS: BOSCO GALVÃO E FABRÍCIO SANTOS



• **Campeões desta edição: hora de comemorar e se preparar para a etapa nacional do festival**

Os versos no alto da página revelam questionamentos comuns a todos nós e ao mesmo tempo a reflexão de mazelas sociais do nosso país, como preconceito, violência e corrupção. A letra encantou os jurados e o público do Festival Sesi Música 2010, promovido pelo Serviço Social da Indústria – Sesi do Pará, rendendo ao seu autor, Rosiwaldo de Souza (*foto no alto, ao lado da letra*), empregado da indústria Sococo, o primeiro lugar no evento na categoria composição e interpretação inédita.

O Festival Sesi Música tem sido o palco para o talento de trabalhadores como Waldo Piano, como é conhecido artisticamente. Mais que isso, com o evento, o Sesi quer melhorar a qualidade de vida dos empregados da indústria, aproximando-os da cultura e desenvolvendo a sua criatividade e emoção, valores que são refletidos no dia a dia do trabalho.

A proposta do Sesi vem ganhando a adesão dos artistas. De acordo com o gerente de Cultura, Esporte e Lazer do Sesi Pará, Éder Palheta, a receptividade nas indústrias foi 75%

maior que na edição anterior. “Ao todo, foram 63 inscritos, um aumento considerável de 25%. Já entre as indústrias, tivemos a participação de 55 empresas, um aumento de 75%. Isso nos deixou muito entusiasmados para tornar o festival ainda mais organizado e atrativo”, destaca.

A final do festival foi realizada em agosto, na Praça Santuário de Nazaré, no centro de Belém. Os vencedores desta etapa receberam prêmios em dinheiro R\$ 1.500 (1º lugar), R\$ 1.000 (2º lugar) e R\$ 500 (3º lugar).



• **Momentos da participação dos trabalhadores-artistas**

Quem apoia a iniciativa é a vencedora da categoria “Interpretação Não Inédita” do Festival, Cibelle Freitas, representante da empresa de calçados de segurança industrial Bracol, do município de Castanhal. A trabalhadora-artista conta que a música entrou na sua vida de uma forma muito natural (desde pequena, era cantora de banheiro e sempre soltava a voz quando ia tomar banho). “Assim que o Sesi foi divulgar o concurso na Bracol, fiquei muito interessada e ansiosa. Não cheguei a comentar sobre a inscrição entre os

meus colegas e supervisores. Eles já ficaram sabendo quando tive que me ausentar do trabalho mais cedo para os ensaio e oficinas, mas a partir daí foi tudo bem. Eles me apoiaram e agora todos estão felizes com o meu desempenho”, destaca.

Agora, Waldo, Cibele e os demais vencedores do festival têm mais um compromisso. Eles foram classificados para representar o estado e a sua empresa na etapa nacional do Festival Sesi Música, que ocorrerá em novembro, em Belo Horizonte, Minas Gerais. ■

APOIADORES

Idalcy Pamplona ou Cizinho, Diego Xavier, Elias Coutinho, Celso Vougam, Ruth Saldanha, Elizeu Almeida, Ismaelino Junior e Jefferson Luz. Estas são as “feras” da Escola de Música da Universidade Federal do Pará – EMUFPA que, pelo segundo ano, foram parceiros do Festival Sesi Música. Eles são os músicos responsáveis por fazer a base durante as apresentações dos trabalhadores artistas deste ano em todas as etapas municipais e na estadual.

Essa parceria contribuiu muito para o bom desempenho dos trabalhadores-artistas. Além dos ensaios, o grupo ministrava oficinas sobre técnicas vocais, postura, presença de palco e desenvoltura. Para Jefferson Luz, professor de canto e coral da EMUFPA, é muito gratificante participar de um projeto cultural como este e ver como a música é ferramenta de melhoria da qualidade de vida. “Modalidades como o canto coral, por exemplo, ajudam muito no estímulo à socialização e no desenvolvimento pessoal dos trabalhadores”, afirma.

O maestro da Banda da UFPA e arranjador do Festival, Idalcy Pamplona, mais conhecido como Cizinho, conta que mais uma vez ficou surpreso com a qualidade e o crescimento do Festival. “Com esta oportunidade que o Sesi proporciona para a descoberta de talentos na indústria, resulta no que nós vimos neste ano, mais inscrições, músicas criadas com inteligência e coerência, vozes maravilhosas, muito bom de ver, ouvir e participar, principalmente para aqueles que nunca tiveram uma chance de mostrar sua musicalidade”, finaliza.

Novas ferramentas on line

Instituto Euvaldo Lodi entra no mundo virtual e agora oferece aos estudantes um novo Sistema de Gestão de Estágio



ARTE: CALAZANS SOUZA

Segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada no último mês de setembro pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a quantidade de pessoas que usam a internet no país cresceu 21,5% em 2009 em relação a 2008 e chegou a 67,9 milhões de usuários, contra 55,9 milhões do ano anterior. Considerando apenas pessoas com dez anos de idade ou mais, 41,7% da população brasileira usa a internet. Em 2008, a proporção chegava perto de 35%.

Os números comprovam o que se vê na prática: a internet faz parte do nosso dia a dia. Influenciado por esse cenário, o IEL (Instituto Euvaldo Lodi) inova e agora oferece aos seus stakeholders – partes interessadas no processo – uma nova gestão de estágio via web. O novo portal do Instituto permite fazer o cadastro em banco de dados, avaliações, renovação e cancelamento, frequência

e outras atividades relacionadas ao estágio. A novidade vai beneficiar estudantes, empresas e instituições de ensino.

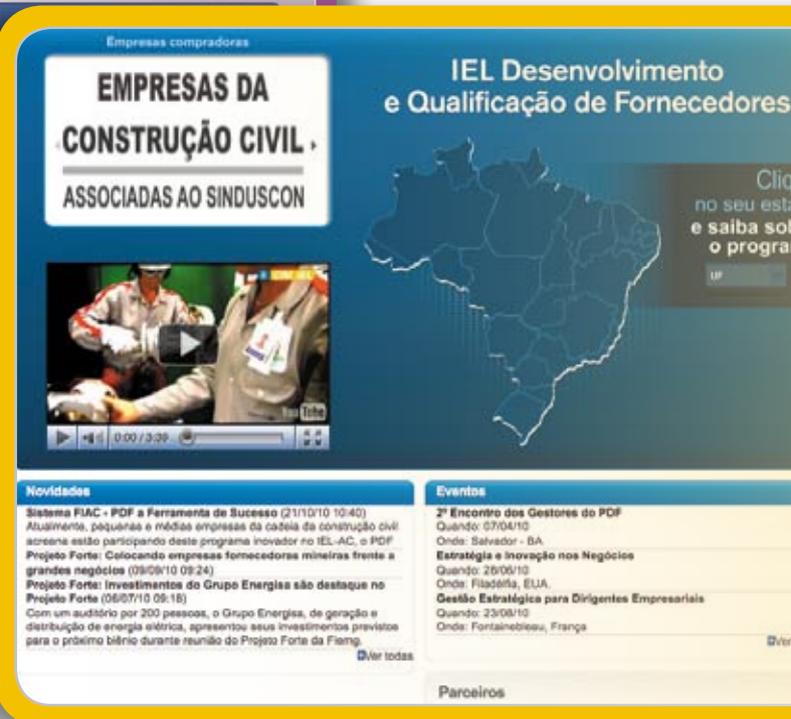
Segundo os dados do PNAD, a Região Norte foi a que apresentou o maior crescimento (26,8%) na quantidade de usuários entre 2008 e 2009, passando de 3,3 milhões de pessoas para 4,2 milhões, seguida do Nordeste (aumento de 22,2%), também com índice de crescimento acima da média nacional.

Vanessa Anjos, coordenadora de estágio do IEL-PA, ressalta que o novo Sistema de Gestão de Estágio (SGE) vai trazer rapidez e padronização dos métodos. “Agora também usaremos esse veículo de comunicação para que possamos nos aproximar ainda mais dos nossos clientes.

“Acreditamos que vamos ganhar agilidade e muito mais qualidade no recrutamento e seleção, além de padronização na gestão de estágio de Norte a Sul do Brasil”, conta.

O SGE começou a ser usado pelo IEL Nacional e agora já é uma realidade em todos os núcleos regionais. “Nós precisávamos de uma nova metodologia de gestão de estágio. A própria lei de estágio passou por uma renovação, pois já estava obsoleta. Nós também temos que nos atualizar e acompanhar as tendências do mercado e o IEL, do mesmo modo, procura se modernizar”, afirma Vanessa.

Todos os estudantes podem usar a ferramenta através do endereço www.iel.org.br/estagio, seja para realizar cadastro ou mesmo para acompanhar vagas. Aqueles que estão estagiando podem acessar o SGE



para responder aos questionários do programa de avaliação de estágio sobre as instalações físicas, atividades, aprendizado, entre outros assuntos relacionados ao cotidiano no trabalho.

Facilidades para as empresas

As empresas igualmente têm acesso ao sistema do IEL na web. Lá, elas poderão ofertar vagas, solicitar cancelamento, renovação e regularização de estágio, além de também fazer avaliações de seus estagiários.

“O SGE é voltado para todos os públicos que lidam com o estágio. O aluno, o seu responsável pelo estágio na empresa, enfim, cada um, depois de feito o cadastro, recebe login e senha e pode acessar e se manter informado”, conclui Vanessa Anjos.

De acordo com a analista de Recursos Humanos do grupo Leal Moreira, Flávia Cambraia, atualmente a empresa conta com 32 estagiários, todos eles regularizados pelo IEL. “A gente detalha o perfil do estagiário que precisamos, pois sabemos da importância deste profissional para o dia a dia da empresa. Três estagiários já foram efetivados e, possivelmente, no início de novembro, mais dois entrarão no quadro funcional do grupo”, explica Flávia.

Ela registra que estava aguardando com ansiedade o momento em que todo o processo de estágio

pudesse ser on line. “Hoje em dia nós perdemos muito tempo com a questão de prazo. O estudante hoje precisa entregar todos os documentos ao IEL no prazo máximo de sete dias. Isso é um tormento, pois o estagiário comparece à empresa, leva para a universidade, volta e isso acaba demorando demais”, explica. “Com o SGE, tudo isso vai acabar e vamos ser mais ágil nessa questão”, ressalta a analista.

Cursos à distância

Outra novidade para os estudantes de todos os níveis que estão cadastrados no IEL-PA é a possibilidade de participar de cursos à distância. A finalidade é prepará-los para o mercado de trabalho. Ao todo, são onze cursos (*box ao lado*) que vão desde como montar um currículo até o passo a passo de como avaliar sua carreira. Cada curso tem carga horária média de quatro horas e, para matrícula, é necessário que os estudantes estejam cadastrados no IEL.

Sandoval Lopes, 24, acadêmico do curso de ciências contábeis do Iesam (Instituto de Ensino Superior da Amazônia), conseguiu o primeiro

estágio através do IEL no último mês de setembro. Ao saber dos cursos à distância, ele logo se interessou. “Esses cursos são uma alternativa diferente para buscarmos novos conhecimentos. São uma ótima opção por conta da disponibilidade de tempo e ainda pelo fato das atividades possibilitarem inserção complementar no histórico da faculdade”, pontua. ■

CURSOS ON LINE

- Marketing Pessoal
- Prepare-se para o mercado
- Conheça a empresa
- Aprenda com o estágio
- Construa sua carreira
- Educação Ambiental
- Empreendedorismo
- Legislação Trabalhista
- Segurança no Trabalho
- TI e Comunicação
- Propriedade Intelectual



UM NOVO PRAZO PARA O PONTO ELETRÔNICO

Como se não bastasse a legislação trabalhista brasileira anacrônica e ultrapassada que data da década de 40, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em 21 de agosto de 2009, publicou a Portaria 1.510, que disciplina e impõe o uso do ponto eletrônico pelas empresas. A portaria busca estabelecer uma regulamentação que possibilite maior certeza de aferição do registro eletrônico da jornada de trabalho, com a pretensão de maior segurança às empresas e aos empregados.

O novo ponto traz duas novidades principais: o Registro Eletrônico de Ponto (REP) e o Sistema de Registro Eletrônico de Ponto (SREP). Ambos com burocracia, custos e transtornos para empresas e trabalhadores. Ora, o ponto eletrônico conseguiu desagradar aos trabalhadores. É o que afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre, em artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo.

Vale ressaltar que a publicação da portaria não foi precedida do desejável diálogo social tripartite que deve pautar as decisões nas relações de trabalho. Resolveu o MTE fazer de forma unilateral, causando indesejáveis impactos, como gastos desnecessários na aquisição de milhões de equipamentos novos, além do que, provoca um retrocesso tecnológico estimulando o uso do ponto manual e mecânico.

Também é certo de que causará prejuízos ao clima organizacional com impacto nas relações de trabalho e com baixa efetividade na tentativa de reduzir fraudes, criando filas, promovendo desconforto ao trabalhador, aumentando os custos, refletindo negativamente sobre a competitividade das empresas brasileiras. Diante desses impactos, é imprescindível a revogação da portaria com urgência, visto que já está causando sérios problemas e ansiedade para as empresas e trabalhadores.

Em termos práticos, o novo ponto eletrônico só poderá ser feito por um equipamento de registro eletrônico de ponto (REP) que atenda aos extensos e rígidos requisitos da Portaria MTE 1.510, sendo vedado o uso de computador e dos atuais relógios de ponto. Este novo equipamento irá imprimir um comprovante a cada registro

feito pelo trabalhador, além de não permitir que seja feita qualquer correção e/ou restrição/travamento de horário. Além disso, o novo aparelho é incompatível com os sistemas de gerenciamento das empresas, não se integrando aos processos informatizados de recursos humanos.

A portaria, ao disciplinar o registro eletrônico de ponto, traz uma série de obrigações que tornam muito burocrática a utilização desse mecanismo, gerando dificuldades às empresas honestas e aos trabalhadores. Como justificativa para sua criação, alega-se a existência de fraudes em processos de anotação eletrônica de ponto. Por isso, ainda que se deva pensar em formas de combater fraudes, deve-se tomar cuidado para que a legislação

Vale ressaltar que a publicação da portaria não foi precedida do desejável diálogo social tripartite que deve pautar as decisões nas relações de trabalho.

seja efetiva no alcance dos seus objetivos e não tenha reflexos inadequados sobre empresas que trabalham corretamente, além de trabalhadores e consumidores.

Uma conta simples pode ser feita: se cada trabalhador gastar dez minutos na fila por dia para registro de ponto, ao final de um ano ele terá perdido cerca de 40 horas em filas de ponto eletrônico. Em qualquer conta, o prejuízo representa para trabalhadores e empresas bilhões de reais. No caso dos trabalhadores que registram o ponto em computador e/ou em outro meio eletrônico (vedado pela nova portaria), nota-se perda de produtividade bastante significativa. Portanto, o resultado mais concreto da portaria é milhões de trabalhadores brasileiros em filas.

A portaria também veda a utilização de mecanismos, como a restrição à marcação de horários, que são utilizados como forma de gestão pelas empresas, seja para controlar a entrada e saída no ambiente de trabalho, seja para evitar extrapolações indevidas de jornada. Em um mundo em que se busca o diálogo, contribuição e cogestão no ambiente laboral, a Portaria 1.510 é um indiscutível retrocesso nas relações do trabalho. ■

INDÚSTRIA EM FOCO

Indústrias de papéis, cerâmicas e tintas estão entre os principais consumidores do caulim, minério abundante no estado do Pará. Segundo dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), o Brasil responde por aproximadamente 28% das reservas mundiais de caulim, sendo que o estado do Pará é responsável por 56% da produção nacional. Na foto de Raimundo Paccó, o caulim produzido pelo Grupo Imerys, líder mundial no beneficiamento do minério que tem no Pará suas principais unidades.



**O QUE AGONTECE
QUANDO DESCOBRIMOS
E VALORIZAMOS O
POTENCIAL DAS
PESSOAS E DO LUGAR
ONDE VIVEM?**



TEMPLE 13

Nós acreditamos que podemos contribuir para o desenvolvimento sustentável.

Somos uma mineradora global, com presença nos cinco continentes. Mas nunca deixamos de nos perguntar: Como valorizar a cultura e a identidade dos lugares onde estamos? Por isso, a Fundação Vale idealizou as Estações Conhecimento. Centros de referência que estimulam a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento das comunidades, por meio da profissionalização, da cultura, do esporte e da geração de renda. A primeira foi criada há dois anos em Tucumã, sudeste do Pará. Agora, a Estação Conhecimento da APA do Gelado chega a Parauapebas para fortalecer a economia agrícola e apoiar o produtor rural. Até 2012, serão 18 Estações Conhecimento em cinco estados do Brasil. Gerando desenvolvimento sustentável a partir do melhor das pessoas e do lugar onde vivem.

Não existe futuro sem mineração.
E não existe mineração sem pensar no futuro.